

3000

DM
FERRAS.L

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**REFLEXÕES SOBRE UM
CASO CLÍNICO**

Realizado por : Ana Sofia Gaspar Ferraz

Orientador : Professor Doutor Eduardo Sá



MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

EDIÇÃO 1998/2000

	Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Desenvolvimento	
Registo:	15734
Data:	15/4/05
Tel: 21 891 17 50 • biblioga@ispa.pt	

À memória da Avó Bia
que me soube oferecer as melhores memórias

“- O que é a loucura?

- (...) a loucura é a incapacidade de comunicar as suas ideias. Como se estivesses num país estrangeiro – vês tudo, percebes o que se passa à tua volta, mas és incapaz de te explicar e de ser ajudada, porque não entendes a língua que falam ali.

- Todos nós já sentimos isso.

- Todos nós, de uma forma ou de outra, somos loucos.”

Paulo Coelho *in* Veronika Decide Morrer

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta do entendimento que, a Psicologia Clínica tem no sujeito psicológico sobre o qual se debruça o seu maior parceiro. É para ele que existe e se constitui, e é dele que retira saberes que lhe permitem alargar os seus horizontes teóricos. Deste modo, é no estudo de caso que a Psicologia Clínica cresce e permite crescer. O sujeito quando constituído objecto de estudo torna-se parte da ciência que o investiga.

Assim, e partindo do entendimento exposto, o presente trabalho apresenta-se como uma tentativa de aprender com a experiência, visto que também a isso nos leva o estudo de caso. Aprender e pensar a partir de um sujeito que nos procurou para crescer.

De entre os corpos teóricos possíveis para a compreensão dos fenómenos psicológicos, um nos faz sentido. O Psicanalítico. Campo de saber vastíssimo, facilmente pode amedrontar qualquer um que não se movimente bem nas suas águas. No entanto, seria, pensamos, prejudicial para todos se tal sentimento de intimidação fosse permitido instalar-se, pelo que com base no pressuposto de que nada é definitivo, tudo pode ser pensado e reinventado permitimo-nos arriscar por essas águas.

Deste modo, podemos distinguir três momentos principais na realização deste trabalho:

1. Num primeiro momento em que nos propusemos analisar e compreender um caso clínico tendo para isso utilizado um instrumento projectivo de avaliação e recorrendo à teoria Kleiniana do desenvolvimento psicológico

2. Num segundo momento tornou-se necessário reflectir sobre a organização do delírio e alucinação, das manifestações psicóticas em geral, sendo que uma compreensão destes fenómenos com base na teoria das posições de Klein e particularmente na posição esquizoparanóide, se foi mostrando por vezes insuficiente
3. Assim, num terceiro momento, sentimos a necessidade de reorganização de conceitos cruciais. Uma compreensão exclusivamente baseada na posição esquizoparanóide viu-se forçada a dar lugar à emergência de outros conceitos que podem lançar um outro pensar, permitir um outro ponto de vista sobre o fenómeno psicótico.

Trata-se de um trabalho forçosamente inacabado, fruto de um pensamento em evolução, sem pressas de chegar a conclusões definitivas. O próprio trabalho só se mostra à luz do dia por força de prazos a cumprir, de outra maneira não o faria.

Daqui resulta que este trabalho não tem, ao contrário do que provavelmente é costume, do principio ao fim uma “doutrina” única. Ele constitui-se antes de mais como um campo de livre pensamento, liberto de dogmas e verdades absolutas. Respeitando o pensamento dos outros permite-se pensar.

Assim, este estudo de caso refere-se a uma estrutura de personalidade psicótica sendo que a primeira parte do trabalho tratará da descrição do caso em termos da história pessoal do sujeito, do histórico-evolutivo e a avaliação psicológica feita, tendo neste caso sido escolhido como instrumento de avaliação o teste projectivo de Rorschach.

De seguida dar-se-á conta de alguma revisão bibliográfica relativa a alguns conceitos pertinentes para a compreensão do caso, juntamente com algumas reflexões pessoais sobre o tema.

Na última parte far-se-á a análise do caso tendo em conta algumas contribuições teóricas para a compreensão psicodinâmica da estrutura de personalidade do sujeito.

PARTE I

DESCRIÇÃO DO CASO

“Qual o máximo de prazer que uma pessoa pode ter?”.

B. é seguido na consulta de Saúde Mental num Centro de Saúde da área da sua residência, desde Janeiro de 1996, embora nem sempre de forma continuada.

Importa distinguir dois períodos no seguimento de B. nesta consulta: o primeiro, de Janeiro a Abril de 1996, e por insistência de sua mãe, B. acede a ter acompanhamento na consulta de Psicologia recusando-se terminantemente a ser medicado e, portanto, a ir a consulta de Psiquiatria. Em Psicologia, é seguido Janeiro e Fevereiro desse ano, desaparecendo da consulta, para reaparecer no mês seguinte em que acede pela primeira vez a ser medicado. No mês seguinte, e por ter registado melhoras com a medicação, abandona definitivamente a consulta. O segundo período começa em Maio de 1998. Pede, por sua iniciativa, para ser seguido em Psicologia e Psiquiatria. A frequência das consultas de Psicologia é, desde o início, semanal e B. tem sido assíduo. As consultas de Psiquiatria têm uma frequência mensal, mas B. tem períodos em que recusa a medicação e, portanto, estas consultas. Mantém até hoje o seguimento em Psicologia e Psiquiatria.

B. é um jovem de 25 anos, estudante do 3º ano de Engenharia Física na Faculdade de Ciências. Tem um contacto agradável e simpático, embora, por vezes, mostre atitudes subservientes e evitantes. Apresenta um discurso por norma um pouco superficial e defensivo e com dificuldade de relatar acontecimentos e experiências de uma forma integrada, de os situar no tempo e de os relacionar entre si. Apresenta um aspecto razoavelmente cuidado, embora por vezes o vestuário não pareça

adequado (veste calções e chinelos de praia no Inverno), e haja queixas da mãe de que ele não cuida da sua higiene pessoal.

Vive com os pais, ambos operários fabris, e um irmão de 17 anos, que deixou recentemente de estudar.

O pai é descrito como uma pessoa *“pouco sociável, autoritário e que se irrita facilmente”*. Quando B. tinha 13 anos, o pai tinha um comportamento violento com a mãe após consumos de álcool. Um dia o pai atirou um prato ao chão, que acabou por ferir a mãe nas pernas; B. ameaçou-o com um banco e quis expulsá-lo de casa. Quando tinha 14-15 anos o pai deixou de beber. Fala dele da seguinte forma: *“eu aprendi a aceitar a maneira dele ser, considero-o um bom pai... gosta muito dos filhos, eu não o trocava por outro pai...eu sou a pessoa com quem ele convive com mais dificuldade... eu nunca senti que queria ser como o meu pai”*.

“Se fosse estimulado pelos grandes (Einstein, Beethoven e outros) isso reflectir-se-ia em mim de uma forma genial...queria construir algo, sentia que a minha vida tinha um sentido especial, que podia revolucionar alguma coisa,... ideias de inventar a energia inesgotável, sabia que nem toda a gente iria aceitar isto”.

A mãe, retrata-a como uma pessoa *“sociável, dá-se bem com toda a gente, toda a gente gosta da minha mãe”*. Em casa fala mais com a mãe, fala de tudo, menos de namoradas e de charros.

“... até havia raparigas interessadas em mim, mas não lhes ligava, tinha um ideal de rapariga”.

B. evita falar da sua relação com os pais, o assunto é sempre abordado superficialmente. Reconhece que, em pequeno, sentia falta de afecto de ambos os pais, mas depressa os desculpabiliza argumentando que eram muito pobres e trabalhavam muito. O discurso em relação aos pais baseia-se quase sempre numa aparente gratidão e não em afectos - B. fala sempre n' *“aquilo que eles fizeram por mim”*.

B. foi cuidado desde bebé e até aos 9 anos por uma ama. Refere-se a ela como a sua *“imagem materna”*, considera-a mais sua mãe do que a própria. Quando a mãe o ia buscar, lembra-se que por vezes não queria ir.

“Era uma criança muito introvertida, ficava num canto a ler, era o mais bem comportado, não me sentia atraído pelas brincadeiras, não me dava com as outras crianças, era mais tímido”.

Aos 5 ou 8 anos de idade foi violado pelo filho da ama, na altura com 18 anos, por 2 ou 3 vezes. Diz que não ficou revoltado com o que aconteceu e que isso não o marcou muito.

“Até me admiro de não ter ficado traumatizado”.

Na escola sempre foi um jovem pouco integrado entre os colegas, com poucos amigos e sem conviver fora da escola. Nas aulas era bom aluno, interessado, bem comportado, de quem os professores gostavam.

“Só comecei a sair aos 17 anos, sempre fui fechado... mas o estar sozinho ajudou-me a entrar na Faculdade e reflectir sobre a minha vida”.

Aos 17 anos, no 12º ano chumbou pela primeira vez em consequência da sua primeira descompensação psicótica desencadeada por uma paixão não correspondida, por uma colega de escola. Descompensou com ideias de autorelação, de perseguição e alucinações auditivas. Quanto a esta colega, diz que *“era uma paixão muito intensa, acho até que era patológica, eu beijava o chão que ela pisava, ... sofri um bocado... só pensava nela, pensava que ela vivia num castelo, e fiquei surpreendido quando descobri que não... perdi a noção da realidade... sentia que todo o mundo estava a criticar-me, quando passava por um grupo ouvia as vozes deles mais altas, em tom de gozo”*. Também acreditava que era capaz através do pensamento de conduzir uma pessoa ou mover objectos. Acerca do que pensa hoje sobre isso, diz: *“na ciência não está tudo estudado, há muitas infâmias... farsas... especulação”*. Diz que sentia necessidade de ajudar os outros para que lhe dessem *“afecto em troca”*.

“Disse-lhe que gostava dela mas ela não sentia nada por mim. Percebi que ela gostava do meu melhor amigo e decidi juntá-los, falei com ele, falei com ela e combinei um encontro entre eles, ... eu gostava de fazer parte da fatalidade... não conseguia esquecê-la, não conseguia estudar, sentia tristeza, chorava e já que a minha vida não tinha sentido, ia dar sentido à dos outros”.

Nesta altura teve dúvidas acerca da sua sexualidade por ter sido violado, sentia-se *“sem uma identificação sexual definida”*.

Todos os sintomas desapareceram com *“muito exercício físico”* (corrida). Dedicou-se à música, corrida e a *“formar-me como pessoa”*.

“Todas essas coisas parece que estavam contidas na imagem dela... não tinha defesas e encontrei uma defesa na sabedoria”.

Aos 19 anos ingressou no Ensino Superior (Engenharia Física na Faculdade de Ciências). Apesar de continuar isolado, o 1º ano correu bem e terminou-o com uma média de 15-16 valores.

“Falava com muitas pessoas, mas não saía muito. Estava absorvido pelas minhas coisas, corria, ouvia música...”.

No ano seguinte mudou para o Instituto Superior Técnico. A adaptação não correu bem e nesse ano não fez nenhuma cadeira começando com “alucinações”. No fim do ano regressou à Faculdade de Ciências.

“Eu era perfeccionista e disseram-me que o Técnico era melhor mas o clima era agreste, eram pessoas mais inteligentes, mais frias e independentes, têm de se desenrascar...”

Simultaneamente nesse ano começou a namorar pela primeira vez “a sério” com uma rapariga de 18 anos. O namoro durou um mês.

“Não gostava da maneira como ela tratava as pessoas, era muito fria”.

Logo a seguir começou a namorar a irmã mais velha dessa rapariga (23 anos), durante 7 meses. O namoro terminou porque, segundo ele, andava muito confuso “comecei a ter alucinações” e ela revelou-se “menos maternal e carinhosa” do que aparentava ser.

“Estava a ler um livro e havia um gato desenhado por um esquizofrênico e de repente senti que o gato me tinha arranhado, agredido cerebralmente... o gato estava desenhado com riscos... a descontinuidade traz agressividade”. “Os espinhos (de plantas) transmitiam-me sentimentos de agressividade, de facas, sentia-os assustadores... olhei para uma pedra e senti o que era o peso, a essência do pesado”.

A experiência mais empolgante foi ouvir a conversa entre dois bêbados: *“as palavras deles soavam como sinfonias, tanto conseguia perceber as palavras como ouvia os sons como se fossem uma sinfonia”.* A música e o esforço físico impeliavam-no a um estado de intenso prazer, de êxtase. Para facilitar a indução desse estado B. fez *“um algoritmo de palavras, que completavam um círculo, dizia-as na minha mente”.* Só se lembra que começava com *“exaltação dos sentidos”* e uma seta para *“contemplação (pelo acto de criar)”.*

“Criava mentalmente imagens a 3 dimensões... foi a minha melhor experiência em toda a vida, sentia-me como Deus, como criador. Criava figuras femininas divinas, a figura de Nossa Senhora a pairar no Céu e ficava a contemplá-las. Imaginava também a árvore das mil cores, em que cada folha tinha uma tonalidade diferente. Obedecia às leis da física e transmitia emoções”.

As suas alucinações andavam maioritariamente à volta de figuras femininas idealizadas, que o faziam esquecer as desilusões que tinha com as pessoas em geral e as raparigas em particular.

“Eram divinas e fonte de sentimentos poderosos e apaixonantes... a fonte do prazer supremo”.

Outras experiências com carácter bem mais agressivo assustavam-no na altura, como a que lhe aconteceu com o livro “A escrita e a loucura” de Monique Plaze, com o qual B. teve uma experiência importante.

“Eu estava a ler, as palavras eram complicadas e eu conseguia compreender tudo muito depressa e encontrar sentido nas palavras, tinha mesmo uma descarga química cerebral...o meu maior medo era ficar louco... às vezes encontrava nos livros coisas que já tinha pensado, ou via obras de arte que procuravam sentimentos mórbidos, como fotografias de galinhas decepadas”.

Nesta altura recorre à consulta de Psiquiatria e com apenas 1 ou 2 tomas de medicação (Cenilene) desaparecem os sintomas. Desaparece da consulta.

No ano seguinte volta à consulta. Queixa-se de se sentir deprimido, sonolento. Refere consumo de haxixe durante cerca de um ano e sentimento de “fobia social” que caracteriza como uma dificuldade em estabelecer relações.

“Gostava de voltar a ser hiperactivo e ter delírios... tenho medo de estar num lugar fechado com muitas pessoas... penso que as traí com o meu comportamento anti-social de consumo de haxixe e baixo rendimento escolar”

Estas experiências envolvem sentimentos de pânico por se ver rodeado de muita gente estranha, imagina que estes o criticam e sente-se perseguido. Relata uma experiência num supermercado, em que lhe pareceu identificar os contornos da carne pendurada no talho, com “*corpos humanos com deficiências*” que considera mórbidos mas que também o atraem porque são os corpos com deficiência física que considera os mais “*belos*”.

B. faz constantes desvalorizações da imagem feminina no seu discurso o que o leva a recorrer aos seus “*devaneios*” para obter prazer. Refere que não pode confiar nas mulheres, que precisa de controlar os seus sentimentos para não se magoar e, para isso, construiu uma “*armadura*”. Foge de relacionamentos amorosos por não gostar de se sentir controlado ou de perder o controlo sobre si próprio.

“São interesseiras, fonte de sofrimento nos relacionamentos amorosos”.

Parece ter grande dificuldade em se mostrar zangado, revoltado, agredir, e assim se explica as suas reacções e atitudes em relação à violação e ao facto de não ter sido correspondido na sua paixão.

“Sou essencialmente uma pessoa boa”.

Certa vez ao tentar “viver” de novo um dos seus “*devaneios*”, ficou assustado com a experiência. Explica que tudo se passa como se tivesse uma hipersensibilidade a tudo o que o rodeia.

“Se Deus existisse teria de consumir tudo”.

Fez pequenos consumos de haxixe, normalmente aos fins-de-semana.

- Refere que quando fumava não tinha sentimentos de carência afectiva, revivia ambientes da sua infância, tal como experiências parecidas às que tinha antes de ser medicado.
- Além disso, relaxava-o e possibilitava-lhe pensar sobre a sua família “*de uma maneira nobre*”, pensar sobre as relações entre as pessoas e entre si e os seus pais, embora o facto de fumar haxixe também lhe despertasse receios de ser criticado pelos pais.

Ao longo de todo este tempo em que está a ser seguido, B. raramente fala de quaisquer amigos que tenha. De facto, sempre mostrou estar muito isolado e os amigos que menciona parecem corresponder a amizades pouco profundas. Com a excepção de dois amigos que vale a pena distinguir – o Tiago e o Paulo.

O Tiago é da idade de B. e aparece no seu discurso desde o início como o único que o pode compreender nas suas “*criações*”, já que também ele “*constrói delírios*” (ou construía, já que ultimamente o Tiago é descrito como alguém que já superou essa “fase” e está a ter sucesso na sua escolaridade – frequenta o Técnico). B. sempre se mostrou muito identificado com este amigo, como se fizesse uma colagem a ele, no entanto a amizade em si nunca deu sinais de ser sólida.

O Paulo, também da idade de B., frequenta com ele a mesma Faculdade e curso. É assumidamente homossexual e diz-se apaixonado por B. que várias vezes assedia. B. mostra-se desconfortável com os assédios do amigo e nega qualquer interesse neste. Os seus sentimentos não deixam,

no entanto, de mostrar alguma ambivalência, já que é com este amigo que se permite estabelecer uma relação de maior proximidade.

COMENTÁRIO À DESCRIÇÃO DO CASO

Após a descrição do caso parece-nos haver alguns factos que importa sublinhar pela importância de que se revestem na sua compreensão e pelo modo como nos podem ajudar a estabelecer hipóteses de entendimento.

Assim temos:

- ⇒ Uma relação com a mãe que nos parece de uma proximidade fictícia, ou seja, uma proximidade que não aparece imbuída de trocas afectivas verdadeiras mas sim de dependência. Uma dependência que, apesar do seu carácter introvertido e bem comportado enquanto criança, o fez assumir uma atitude de confronto com o pai em defesa da mãe no episódio em que este agrediu a mulher. Como se agredir a mãe ou ele próprio fosse a mesma coisa. Ambos os objectos parentais constituem-se frustrantes em experiências afectivas sendo que o sentimento que predomina em relação a estes é de dívida permanente. Impõe-se a si próprio uma exigência crítica extremada, preocupando-se em agradar aos pais e sentindo que nunca está à altura do que dele esperam.

- ⇒ A violação constitui-se como um episódio traumático sobre o qual B. exerce uma negação e evitamentos muito fortes de forma a não ser confrontado com sentimentos de revolta demasiado agressivos em relação aos pais que não o souberam proteger. Acontecimentos recentes como o caso mediático de pedofilia na Casa Pia abalaram-no muito e levaram-no mais uma vez ao consumo de haxixe “*para esquecer*”, reforçando assim a ideia de que este não é de todo um acontecimento pacífico.

- ⇒ As suas relações afectivas com as namoradas podem-se compreender como uma busca desesperada de um objecto primário idealizado (bem patente nas alucinações de figuras femininas idealizadas), que por não

corresponderem às suas expectativas são depois desvalorizadas e atacadas através da projecção de uma imago materna persecutória.

- ⇒ Nas suas descompensações são evidentes delírios persecutórios nitidamente consubstanciados, entre outros, no fantasma de “*ficar louco*”. De realçar ainda o traço melancólico na primeira descompensação (“*já que a minha vida não tinha sentido, ia dar sentido à dos outros*”) e as contrapartidas maníacas a este movimento (“*acreditava que era capaz através do pensamento de conduzir uma pessoa ou mover objectos*”).
- ⇒ De salientar ainda a existência de alguns traços homossexuais inferidos da relação de colagem que mantém com o seu amigo Tiago e da ambivalência da relação com o seu amigo Paulo, homossexual assumido que o assedia, e ainda de algumas dúvidas a esse respeito que o próprio B. levanta relacionando o facto com o episódio da violação.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA.
TESTE PROJECTIVO DE RORSCHACH

O Método Projectivo de Rorschach

O teste de Rorschach foi inventado em 1920 pelo médico psiquiatra suíço do mesmo nome, sendo constituído por 10 pranchas com manchas de tinta, cinco das quais acromáticas e cinco cromáticas (duas em vermelho e preto e três policromáticas). As manchas são em geral, escassamente estruturadas, embora possam ser consideradas simétricas, em termos de eixo vertical.

São apresentadas uma a uma ao sujeito, por uma ordem estabelecida, e é-lhe pedido que ultrapasse a desestruturação do estímulo, atribuindo-lhe significados.

O teste de Rorschach constitui-se como um extraordinário revelador da personalidade. Como afirma Chabert (1994), este teste permite “...uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos seus modos de relação objectais, dos fantasmas e afectos...” que são posteriormente espelhados nas suas respostas. Deste modo, o sujeito dá-nos conta do seu funcionamento mental. Isto torna-se possível devido às características específicas deste teste, que facilitam movimentos regressivos e projectivos solicitando simultaneamente mecanismos de percepção e adaptação à realidade.

Orr (1958) propõe a hipótese de que o psiquismo contém imagens latentes, conscientes ou inconscientes que são despertadas e actualizadas por “elementos excitantes” vindos de fora. O mundo é o excitante por excelência, e ao mesmo tempo, o material para uma projecção e concretização das imagens latentes. As pranchas do Rorschach evocam para o sujeito o mundo ambiente em miniatura. Nelas, ele projecta as suas

imagens interiores através de símbolos. A mesma autora sustenta que “ da mesma forma que podemos ver a imagem do corpo do sujeito reflectida num espelho, podemos ver a sua ‘imagem psíquica’ no conteúdo do Rorschach, isto é, as suas identificações e relações objectais, o estado de socialização e a capacidade de tomada de consciência e de auto-conhecimento. O conteúdo é uma totalidade, um auto-retrato psíquico em miniatura, construído por símbolos”

O material usado não é neutro e cada prancha remete o sujeito para um determinado conteúdo manifesto e um conteúdo latente ou valor simbólico. A estimulação perceptiva do conteúdo manifesto e a ressonância fantasmática e reactivação do conteúdo latente “acordam” no sujeito registos conflituais.

Condições de Realização do Teste

O teste foi realizado na mesma sala onde semanalmente B. é seguido em consulta. Trata-se de uma sala com cerca de 8 metros quadrados, com 2 janelas pequenas, pouco luminosa, pelo que foi necessário recorrer a iluminação artificial. A sala está mobilada com algumas cadeiras, um armário e uma secretária usada para a presente situação de teste.

Foi explicado a B., aquando do pedido para a realização do teste, que este serviria para podermos aceder a uma melhor compreensão dos seus problemas e angústias, e com isto o podermos ajudar de modo mais consequente. A sua reacção foi de imediata disponibilidade, interesse e até alguma ansiedade para o fazer o mais rapidamente possível. Esta atitude, B. manteve durante a realização de todo o teste, com muita implicação da sua parte notando-se no fim muito cansaço e alguma

desorganização, sentindo necessidade na altura de permanecer um pouco mais de tempo na sala a conversar “para se acalmar”.

A instrução usada foi a recomendada por Chabert (1994): “ Vou-lhe mostrar 10 pranchas e peço-lhe que me diga tudo aquilo que elas lhe fazem lembrar, tudo o que pode imaginar a partir delas”, tendo também sido explicado a B. que não existiam respostas consideradas certas ou erradas e que poderia manipular a direcção das pranchas.

Análise do Rorschach

Iremos de seguida prosseguir com a análise do teste de Rorschach de B., tanto em termos de análise quantitativa do psicograma como análise qualitativa das respostas dadas. Tanto o teste de Rorschach como o psicograma encontram-se em anexo no fim deste trabalho.

A análise do **psicograma** mostra uma produção normal (26 respostas) fornecida num tempo extremamente longo (tempo total = 53’08”). O tempo por resposta encontra-se extremamente elevado também (5’30”), traduzindo, assim, o modo como o sujeito se deixou fundir/confundir com o objecto e as dificuldades que sentiu em se separar deste.

Igualmente elevadíssimo encontra-se o tempo de latência médio (40”), mas aqui importa distinguir três tipos de pranchas neste protocolo: a prancha I em que o tempo de latência se situa ligeiramente acima da norma e que parece indicar que qualquer angústia perante a situação desconhecida que representa a entrada em prova, foi rapidamente circunscrita e o sujeito soube adaptar-se e manter-se organizado para fazer face a este desconhecido; as pranchas II, III, IV, V, VI, e VII,

apresentam todas elas um tempo de latência extremamente elevado o que juntamente com os comentários observados ao longo do protocolo nos permite colocar a hipótese de este facto se ter ficado a dever em grande parte ao carácter sombrio dos estímulos, que provocou um desconforto visível no sujeito; finalmente, as pranchas VIII, IX e X, apresentam um tempo de latência muito reduzido, contrastando com a tendência geral verificada ao longo do protocolo.

Quanto aos modos de apreensão, os seus valores percentuais encontram-se dentro dos valores normativos ou ligeiramente fora desse intervalo. Não encontramos valores extremados. Assim, os G apresentam-se muito ligeiramente acima do intervalo normativo, sendo que a sua maioria corresponde a G impressionistas revelando uma grande sugestionabilidade e permeabilidade de B. em relação às qualidades do material.

A percentagem de respostas D encontra-se ligeiramente reduzida. A análise dos determinantes associados (F/C/Kan/Kob) parece reflectir uma luta entre as capacidades adaptativas e defensivas de B. e a contínua ingerência pulsional. Se por vezes o seu lado adaptativo “ganha”, também é verdade que outras vezes o pulsional activado pelo estímulo é tão poderoso que toma conta do seu funcionamento mental.

Ligeiramente acima da norma, encontra-se também o valor de **Dbl**. Sendo um único ao longo do protocolo, na prancha VII, reenvia-nos para o registo da falha, da incompletude.

A análise dos valores $F\%$, $F^+\%$, $F\% a$, $F^+\% a$, que parecem à primeira vista contraditórios, permitem-nos pensar que apesar de algumas

tentativas, a mobilização de mecanismos defensivos com vista a controlar a emergência do fantasmático e pulsional revela-se insuficiente e falha.

O tipo de Ressonância Intima (T.R.I.) é Extroversivo Misto, o que nos reenvia para um sujeito submetido pelos seus sentimentos, emotivo e instável, incapaz de controlar a expressão das suas necessidades afectivas, reflectindo-se numa deficiente apreciação da realidade objectiva.

Iremos, de seguida fazer uma **análise qualitativa** dos 10 cartões do protocolo apresentado.

No **Cartão I**, após um tempo de latência relativamente alargado, a 1ª resposta, de carácter aparentemente banal parece surgir como uma expressão de alívio e contentamento por ser capaz de dar sentido ao desconhecido que caracteriza a entrada em prova. *Ah! Isto parece uma borboleta*, é a expressão de satisfação de quem receava, mas que sente ter sido capaz de se manter organizado perante a nova situação de modo a lhe conferir significado. Mas este esforço carece de consistência; de facto, a borboleta só foi vista *de relance* (Inq.), e na 2ª resposta é prontamente transformada em *escaravelho com asas*, a que B. acrescenta: *é um bocado sombrio*.

Parece que a percepção específica dos detalhes laterais, como *umas asas* reenvia o sujeito para o bilateral, e portanto para o relacional, fazendo irromper uma angústia tremenda no Inq. da resposta 2, com o recurso à Identificação Projectiva Patológica, a perda de limites entre Sujeito e Objecto e o carácter persecutório e aniquilador atribuído ao objecto.

A aparente adaptação evidenciada na resposta 1, não passa de um esforço logo contaminado por problemáticas internas aqui despertadas pelas características do estímulo.

E o carácter persecutório do Objecto encontra reflexo em angústias corporais patentes na resposta 3, com uma resposta de interior de corpo/radiografia em que tudo fica a nu, desprotegido e exposto aos ataques do exterior.

O sentimento de se sentir ameaçado pelo exterior é tão grande que B., na resposta 4, faz um movimento de defesa carregado de agressividade. Através de uma Identificação Projectiva Patológica em que se funde com o material, não ataca este último, mas usa-o para veicular fantasias agressivas/sádicas para com um Outro na relação, neste caso aquele que o introduziu a esta realidade tão ameaçadora da sua integridade psíquica- o examinador. Parece ser este o sentido deste *diabinho muito diabólico*, principalmente se tivermos em conta o Inq. à resposta: *Está-se mesmo a rir, com um ar: o que é que eu vou fazer?*.

No entanto, esta agressividade brutal parece assustá-lo (*Equivalente Choque*), talvez por o expor a fantasias de grande destrutividade: *Agora não consigo abstrair-me do demónio*, diz incomodado tentando fugir dele, ora centrando-se em perceptos já anteriormente vistos, ora centrando-se em si próprio. Mas o demónio, apesar de uma tentativa frustrada de desvalorização (*demoniozito*) continua presente. B. faz uma tentativa esforçada de o ver de novo- *tava naquela que conseguia ver o demónio mas ao contrário, mas mais assustador, mas não visualizei muito bem*. Este último demónio que seria *mais assustador*, iria perseguir quem?. O examinador de novo, ou antes o próprio B. como uma auto-

punição por ter ousado fantasiar a agressão/destruição do Outro, movimento proibido de ser pensado, como se adivinha do comentário na prova de escolhas: *Este parece que faz mal só mesmo por fazer.*

B. termina de seguida, fazendo uma observação de cor: *é um bocado sombria. Aquele preto e os tons de cinzento.* De facto ao longo das respostas, a cor parece ter desempenhado um papel importante dando-nos conta de uma reduzida eficácia em termos do controlo de movimentos pulsionais.

No **Cartão II**, após um tempo de latência muito longo, denotando desconforto no confronto com esta prancha, B. na resposta 5 faz uma tentativa de investimento nos seus limites- *armadura dos tempos medievais*- com uma carga pulsional algo agressiva- *tipo de guerreiro*. No entanto, esta tentativa de se defender do Objecto, reforçando limites, mostra-se algo falha, já que esta é uma *armadura* cheia de buracos, invadida pelo branco e até confundida com ele; uma má forma em que a intenção de B. é votada ao fracasso já que os próprios limites do negro da mancha se diluem no branco. Preto e branco confundem-se tal como mais uma vez Sujeito e Objecto (Inq.). De notar ainda no Inq. como B. fica incomodado com o encarnado, pelas pulsões agressivas que nele suscita tendo necessidade de as negar claramente- *porque este encarnado não é tipo sangue*. Ficamos assim com um guerreiro que não pode fazer sangue, “desvalorização” forçada pelo receio do potencial destruidor deste guerreiro.

A resposta 6, segue a mesma lógica de Negação de uma agressividade latente prestes a irromper nestes dois animais possantes, *elefantes* ou

ursos, que são postos a *brincar*, numa tentativa de anular a manifestação de pulsões agressivas.

Depois de se centrar nos detalhes pretos da mancha nas duas últimas respostas numa atitude defensiva contra o vermelho, na resposta 7 este impõe-se e B. começa respondendo- *Estas partes encarnadas...*- referindo-se aos detalhes verm.^s sup.^s mas depressa os evita novamente e centra-se no detalhe verm. inf., numa resposta que se serve da organização externa para reorganizar o interno face à emergência de problemáticas ao nível do pulsional agressivo. Segue-se um movimento regressivo a temas de infância- *um urso que eu tive quando era pequenino*- objecto securizador como vemos na prova de escolhas: ... *lembro-me do urso, que gostava de agarrá-lo.*

E depois novamente o evitamento dos detalhes vermelhos superiores- *estas coisas encarnadas é que são mais difíceis de imaginar seja o que for.* Mas o Inq. a este comentário faz antever uma angústia de fragmentação despoletada talvez por estas fantasias agressivas- *a certo ponto pensei que fossem dedos, mas não fazia nexos com o resto do desenho. Tinha aqui o Zoo e aparecer aqui dois dedos.*

Interessante o comentário final, quando tosse e diz- ... *estou pronto para a cova, ... uma pessoa quando tem uma enfermidade deve ser muito mau.* A sua agressividade/destrutividade é vivida como tão poderosa que não podendo ser pensada/falada se volta para o interior e o mata.

Numa prancha que nos remete para a possibilidade de relação, B. transmite a ideia que dentro de uma relação tem de vestir uma *armadura*, que necessita ser um *guerreiro* mas que não pode fazer *sangue*. Isto é,

precisa se proteger, necessita de atacar mas tem de ter cuidado que a sua força destrutiva é imensa e geradora de uma culpabilidade tal que em vez de matar o Outro prefere ir ele próprio *para a cova*. A possibilidade de relação existe mas está desde o início contaminada com uma agressividade latente que não podendo ser vivida, se vira contra o próprio e o destrói.

No **Cartão III**, o tempo de latência apresenta-se extremamente aumentado e o comportamento de B. face à prancha faz antever a presença de um *Equivalente Choque*.

A problemática principal patente ao longo de toda a prancha é a da identificação, com oscilações entre representações femininas e masculinas de valências marcadamente diferentes. A resposta 8, começa com uma projecção indiciadora de perda de limites entre B. e o Objecto, resultante do choque inicial (*acho que este tem um toque feminino*). Nos detalhes pretos habitualmente vistos como imagens humanas, B. não consegue projectar figuras do seu próprio sexo, contrariamente ao que seria desejável.

De facto, ele percepçiona *duas mulheres*, e este feminino percepçionado reenvia-nos para um feminino que necessita ser valorizado narcísicamente (*e estaria a pegar num cesto e esta estaria simetricamente a fazer o mesmo*). No entanto, este mesmo feminino aparece erotizado (*sapatos de salto alto; ... isto seria o peito esta saliência aqui -Inq.*) e suscita fantasias sexuais de submissão (*aqui o rabo e ela estaria inclinada assim -Inq.*) que volta a referir mais à frente na prancha já depois da resposta seguinte: *Esta imagem é bastante feminina porque elas estão assim curvadas, estão numa posição bastante feminina*. São estas

fantasias que parecem fazer emergir vivências angustiantes e uma regressão marcada nas respostas adicionais nos detalhes verm.⁵ laterais que evocam por isso também o relacional. Esta identificação com um feminino com estas características fá-lo temer o relacional.

Na resposta 9, B. faz uma tentativa de afirmar o masculino mas este apresenta-se falho de potência, é um masculino desvalorizado, *um etíope* (mais tarde *um pigmeu*) com um *tronco ...fininho* que na prova de escolhas se apresenta de um modo muito passivo, *está na dele a olhar para o ramo das árvores. O ramo*, já referido no inquérito remete-nos para um objecto fálico e portanto para a tentativa de afirmação de um masculino potente mas que neste caso não parece conseguida. De resto, em comentários mais à frente, B. retoma este percepto mais para afirmar que não é uma mulher do que com a certeza de que é um homem (*já não tem nada a ver com o feminino, já é diferente; Parece ser uma figura masculina, não é uma mulher* –Inq.).

B. termina o inquérito à resposta 9 dizendo: *Tem duas funções; a mesma coisa cumpre várias funções. Eu gosto disso*. De facto, as respostas a esta prancha parecem ser a projecção da Clivagem das identificações de B.. E esta Clivagem parece funcionar como um elemento organizativo da sua vida mental, como de resto se vê pelos comentários de prazer que vai fazendo até ao final da prancha sempre com a justificação de que esta *cumpriu duas funções*. No entanto, o comentário cor que produz revela-nos mais uma vez a sua hipersensibilidade à cor e a sua dificuldade em controlar a emergência pulsional que através dela se impõe.

O **Cartão IV**, com as suas características maciças e sombrias, suscita em B. uma tonalidade emocional disfórica com vivências angustiantes. Isto é

percebido pelo tempo de latência longo, o riso e o excessivo manipular da prancha, mas sobretudo pelo comentário inicial: *Tudo muito dark, muito preto.*

A resposta 10, *este também se assemelha a um insecto primitivo* reenvia-nos para a prancha I com o seu escaravelho/borboleta (*parece uma borboleta dos tempos primitivos, parece uma transição entre borboleta e escaravelho; É um insecto qualquer a transformar-se. Um elo de ligação, ainda não é um ser que esteja adaptado, está-se a adaptar-* Inq.). Também aqui este insecto primitivo parece veicular problemáticas muito primitivas de inconsistência identitária (*está a sair de um casulo num processo de metamorfose* –Inq.), de impossibilidade de se afirmar estável e íntegro face ao Outro apesar das suas tentativas de estabelecer ou reforçar alguns “alicerces” e limites: *isto parecem ossos, não é ossos, é quinina ou queratina, uma substância que faz os ossos dos insectos.*

A operação que de seguida empreende, a busca de um branco que prolongue o branco da prancha, parece em si uma fuga às angústias sentidas com o negro mas que inevitavelmente o põem face a face com o vazio e a falta e por isso abandona esta estratégia.

E termina a prancha, com uma resposta 11 repleta de angústias corporais intensas, uma angústia de corpo atingido, fragmentado (*o homem podia estar sentado mas foi cortado a parte de cima, parece a coluna vertebral; o homem está cortado, foi estropiado aqui, isto parece pedaços de carne cortado do corpo humano caído para o lado* –Inq.), numa tonalidade claramente depressiva (*estes desenhos todos pretos põem-me a ver coisas pouco alegres* –Inq.).

Vindo de uma prancha que lhe foi extremamente angustiante, aqui no **Cartão V**, e após um tempo de latência longo, B. parece conseguir controlar uma eventual invasão pelo estímulo com uma Clivagem do Objecto, apoiando-se no carácter simétrico da prancha. Esta parece ser uma estratégia que lhe permite um contacto com a realidade de modo a que esta não seja sentida como ameaçadora e invasiva (*se eu olho um desenho como um todo parecem-me quase todos insectos, mas se olho para parte dele, existe sempre um outro simétrico*), e assim na resposta 12 aparecem *duas gaivotas*, animais inofensivos e em atitude passiva, bem longe dos angustiantes insectos anteriormente referidos.

Novamente, no final da prancha volta a expressar o seu prazer por ter conseguido atribuir *várias funções ao mesmo tempo*, isto é, por ter conseguido controlar-se, controlando o Objecto.

O **Cartão VI** apresenta de novo um tempo de latência bastante longo, e o comentário *gosto dos mais coloridos* faz antever algum desconforto face ao estímulo e às suas solicitações latentes. De facto, a resposta 13 começa com um movimento de hesitação que contrasta com a certeza da imagem em si: *este parece uma raia, sem dúvida*. Mas, mais uma vez, esta é uma *raia primitiva, de uma espécie desconhecida* (Inq.), revelando aqui mais uma vez a dificuldade em se afirmar como um ser íntegro na sua identidade.

Tanto nesta prancha como na IV, ambas com um simbólico masculino dominante, a vivência que surge é esta da inconsistência identitária.

De seguida B. procura um controlo sobre o Objecto como forma de lidar com as angústias que este lhe evoca, tentando dividir/clivar a

prancha/imagem. Mas pensamos que o simbólico masculino continua a impor-se o que leva B. a abandonar a tarefa: ... *podia-se ver mais coisas se a forma não fosse tão rectangular.*

O **Cartão VII** apresenta igualmente um tempo de latência longo. Numa prancha carregada de simbolismo feminino/materno, B. começa na resposta 14 com o recurso à Identificação Projectiva, uma evocação de um masculino desvalorizado/desprotegido (*é um rapazinho com 12-15 anos-Inq.*), mas que na prova de escolhas se transforma num *rapazinho aventureiro tipo Robin dos Bosques*, um herói imaginário idealizado para fazer frente a uma desvalorização interna intensa.

Na sequência deste sentir, a resposta 15 surge como uma explosão de uma agressividade maciça veiculando fantasias destrutivas e sádicas através de uma Identificação Projectiva Patológica (*estava a ver se conseguia ver outro demónio mas não, ..., é um sorriso mais sarcástico, não sei porquê, não faço a mínima ideia; ...a boca muito aberta*). É, no entanto, interessante que a explosão destas fantasias destrutivas e sádicas se efectue no branco, no lugar da falta, do vazio e da falha.

Atendendo ao simbolismo do cartão, a reacção de B. leva-nos a pensar num feminino/materno sentido como desvalorizador, incapaz de se oferecer como continente e alvo de fantasias e desejos de destruição sádicos. Interessante verificar ainda que, tanto esta prancha como a II são na prova de escolhas escolhidas como favoritas por reenviarem a recordações de *infância, sentimentos infantis de criança.*

O **Cartão VIII** surge com um tempo de latência reduzido, contrastando com o que tinha acontecido com todas as pranchas anteriores. Este facto

deve-se à introdução da cor que muda o clima emocional pelo menos no início da prancha (*Ah, já cores, este está giro...*). Surge então a banalidade embora com precauções e dúvidas (*parece-me um lagarto, será lagarto ?*), como uma tentativa de B. se manter em contacto com a realidade formal do estímulo e evitar as cores e o emocional. Mas logo de seguida esta tentativa falha e B. é completamente invadido pelo estímulo, e a tonalidade emocional continua de início a ser positiva (*mas afinal tenho que ver formas reais?..., Então gosto das cores, as outras são mais sombrias*). A resposta 17, *uma aguarela*, aparece nesta lógica. Na resposta 18, há um “encantamento” pelo colorido do estímulo, como se este fizesse desaparecer barreiras e limites entre o Sujeito e Objecto, emergindo daí uma temática sexual escondida por detrás de um simbólico referido mas confuso e mal explicitado. Este *espécie de sol*, astro rei, símbolo de poder aparece *envolto em luz* e com *uma forma simbólica, parece um X - Inq.*, que nos remete para um imaginário feminino (cromossoma X -?).

Embora mal explicitado ou confuso, este simbólico claramente evocado produz uma mudança radical na tonalidade emocional e provoca na resposta 19 uma imagem evocadora da emergência de uma agressividade destrutiva intensa (*roupa a rasgar-se*) vivida ao nível corporal. Embora a resposta não seja H, trata-se de uma imagem de “2ª pele” sentida como despedaçada, destruída.

De seguida B. com estes *guardas que guardam o sol* desta agressividade emergente, tenta criar barreiras de protecção e distanciamento entre si e o Objecto causador de tanta angústia. Pondo o Objecto à distância protege-o da sua agressividade e protege-se a si do relacional conflituoso.

E de novo na resposta 20, aparece o símbolo já referido na resposta 18, remetendo-nos do mesmo modo para um imaginário ligado ao feminino nunca claramente referido, e com representações clivadas – *símbolo de pureza* e no Inq. – *parece que cumpre várias funções, é sol, símbolo de algo que não é tão acessível e ilumina.*

Trata-se assim, de um feminino idealizado e distante. Os comentários seguintes dentro de um movimento de Identificação Projectiva Patológica esclarecem as reacções apresentadas. É dominante o processo de Clivagem e torna-se claro que o que o despoletou foram fantasias sexuais.

Há a criação de um Bem identificado com este *símbolo de pureza*, inacessível, *sol* que *ilumina*, que nos remete para um simbólico feminino mas que é confortavelmente posto à distância para impedir o relacional.

Por outro lado, a identificação de um Mal associado à emergência de pulsões sexuais (*A roupa a rasgar-se não quer dizer coisa boa na minha cabeça; associo esta cena ao Mal...tem a ver com o erotismo...como se o erotismo fosse o Mal – Inq.*) e agressivas/destrutivas constituindo-se num perigo que torna necessário a presença de *guardas*.

A resposta 21 resume a temática e a Clivagem anterior, um *mundo subterrâneo* sombrio, com todos os perigos decorrentes da emergência de pulsões e fantasias sexuais e agressivas e os *guardas excluídos do mundo idealizado*, puro, longínquo e inacessível de forma a evitar o relacional e a contaminação/destruição que este acarreta.

A escolha deste cartão como favorito na prova de escolhas ilustra bem a forte Identificação Projectiva estabelecida e o modo como a Clivagem é

utilizada como forma de delimitar intrapsíquicamente áreas conflituosas de modo a ser permitido algum contacto com a realidade (...os símbolos, o Bem, o Mal, os guardas. Gosto deste contraste, deste dilema. ...porque é idealizado e é aquele mundo que eu gosto de criar).

O Cartão IX, com um tempo de latência igualmente muito reduzido como o anterior, parece suscitar de início em B. uma vivência de prazer (*Ah! Estes mais coloridos são mais loucos*). No entanto rapidamente a tonalidade emocional muda radicalmente e dá-se um choque manifesto com B. a sentir-se ameaçado pelo estímulo, evocando um sentimento de receio de perder os limites Sujeito/Objecto.

No comentário seguinte B. dá-nos conta de um receio de uma invasão desorganizadora provocada pela perda de limites entre si e o Outro, o dentro e o fora.

No entanto, no Inq. a esse comentário é interessante notar quando diz: *Quando vejo filmes de terror tenho medo de me assustar, quer dizer... quero ser assustado mas tenho medo de perder os limites*, o que evoca o terror dessa invasão esmagadora/desorganizadora mas ao mesmo tempo denuncia uma ambivalência em relação à mesma quando diz *quero ser assustado*, como se fosse este exterior/Outro que o invade e desorganiza o mesmo que o preenche e do qual B. sente necessidade.

A angústia de perda de limites evocada condiciona a tonalidade emocional do cartão que com a sua característica de interpenetração das cores continua provocando um clima disfórico precisamente aí onde os limites estão esbatidos, confusos, mal estabelecidos, como se depreende

do comentário seguinte: *Isto parece estar sujo, o verde parece um verde sujo; Esta parte aqui onde encontra o laranja parece suja* – Inq.

A busca de uma ordem, de uma regra, de um significado (*parece que não há um propósito* – Inq.), e a angústia em não as encontrar, aumentam a perturbação sentida.

E na resposta 22 com recurso à Identificação Projectiva Patológica, assiste--se a uma emergência maciça de angústias persecutórias neste *boneco diabólico, tipo bobo que estaria sempre a rir, tipo chuckie* mas que B. sente necessidade de desvalorizar para poder fazer frente às angústias emergentes. Assim o *boneco diabólico* fica *enternecedor, envolto numa manta de bebé*, muito mais inofensivo.

A resposta 23, denota uma regressão muito grande com temática de interior do corpo materno (*Isto faz-me pensar num útero...sem dúvida*).

Interessante notar que esta prancha é escolhida na prova de escolhas tanto pelos seus aspectos positivos como negativos, identificados neste caso com a *mulher* e o *bobo sarcástico, bebézinho disfarçado* respectivamente. Como se a evocação da mulher (e não do feminino), através de uma regressão ao útero materno, fosse necessária para securizá-lo em relação às angústias persecutórias sentidas com o *boneco diabólico*.

O **Cartão X**, tal como os outros pastel, apresenta um tempo de latência reduzido, e a primeira reacção de B. é de prazer especialmente em relação às cores.

No entanto, na resposta 24 e à medida que vai tentando organizar-se para dar um sentido ao real apoiando-se em elementos formais, vão aparecendo indicadores de alguma perturbação e da emergência de angústias persecutórias: *uma cara com dois olhos e duas sobrancelhas; olhos flamejantes... hipnóticos... sobrancelhas carregadas com um ar assustador* – Inq.. B. tenta delimitar e circunscrever estas angústias ao tentar a custo dar sentido aos elementos dispersos do estímulo e integrá-los numa só imagem ao mesmo tempo que investe no estabelecimento dos limites da representação (*Isto faz parte da cara, tipo o limite da cara, o nariz seria aqui e a boca para aqui* – Inq.).

As duas últimas respostas, a 25 e a 26, veiculam fantasias persecutórias. Principalmente a resposta 26, com uma Identificação Projectiva Patológica B. perde qualquer limite com o material e deixa emergir essas angústias ligadas ao carácter irregular da forma, isto é, à descontinuidade que juntamente com o carácter disperso da prancha evocam a inconsistência, a irregularidade e a descontinuidade dos seus próprios limites enquanto sujeito permeável a uma invasão externa sentida como ameaçadora.

Face à dispersão do estímulo existe uma tentativa de lhe conferir significado mas a vivência dominante é a da perda de limites entre si e o Outro, Sujeito/Objecto resultando em fantasias persecutórias intensas ameaçadoras da sua integridade.

A prancha é de resto escolhida na prova de escolhas como negativa por ser *violenta e muito intensa pela junção* (ou falta dela), *as cores todas* (dispersas), *os olhos hipnóticos*. E B. identifica-a com as suas

“experiências”: *Parece eu quando andava nos meus devaneios. Mas mesmo assim é mais estruturado, eu era mais desestruturado.*

Em **conclusão** pensamos ser útil ressaltar algumas das características mais marcantes deste protocolo. Assim temos:

- Uma clara inconsistência ao nível da identidade, com incapacidade de se afirmar estável e íntegro, necessitando repetidamente de reassegurar limites entre si e o exterior de modo a evitar a confusão Sujeito/Objecto. Estas tentativas não são, no entanto, conseguidas e ao longo do protocolo assistimos a momentos de clara ingerência do exterior no Sujeito provocando angústias psicóticas de falta de limites e de fragmentação.
- O processo de Identificação apresenta falhas. Oscila entre imagens femininas valorizadas narcísicamente, erotizadas mas sentidas como desvalorizadoras, incapazes de se oferecer como continente, objecto de fantasias sexuais e sádicas que despoletam a emergência de angústia, e uma imagem masculina marcadamente desvalorizada e passiva. Surge aqui uma clara Clivagem nas Identificações.
- Grande dificuldade em lidar com o pulsional agressivo, o qual tem de ser de imediato desvalorizado/anulado. A agressividade/destrutividade evidenciada é tão poderosa que não podendo ser verbalizada, sentida/falada se volta para o interior do Sujeito e provoca angústias psicóticas, corporais e de fragmentação intensas, e uma perda de limites Sujeito/Objecto sentida como aniquiladora.

- O relacional é particularmente contaminado por esta agressividade. De facto, qualquer temática evocadora do relacional provoca angústia intensa no Sujeito que responde psicoticamente através do mecanismo da Identificação Projectiva Patológica, atacando o Objecto com toda a sua destrutividade. Como consequência o Objecto assume um carácter persecutório, “obrigando” o Sujeito por vezes a tentativas de neutralizar a sua própria agressividade/destrutividade. Assim, a sexualidade é sentida como perigosa, maligna, por provocar fantasias tão agressivas e por isso o feminino é idealizado e sentido inacessível como forma de o evitar.

- Assim, ao longo do protocolo estão bem presentes angústias psicóticas, de perda de limites, corporais e de fragmentação. E os mecanismos de defesa mais utilizados são a Negação, a Identificação Projectiva Patológica e a Clivagem.

PARTE II

SOBRE A IDENTIFICAÇÃO

A identificação é um conceito de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento do sujeito psicológico.

Conceito de uma aparente simplicidade, conheceu ao longo da história do pensamento psicanalítico diversas contribuições que vieram esclarecer um pouco da sua complexidade e vicissitudes no processo de desenvolvimento e organização da personalidade.

Encontra-se na base da formação de instâncias psíquicas como o Eu, Supereu e Ideal do Eu, do carácter e da identidade. Estando sempre presente na dinâmica relacional entre o sujeito e os objectos é, por isso, fundamental em qualquer relação humana permitindo estabelecer relações de empatia entre sujeito e objecto, já que não se constitui somente como sinónimo de assimilação de gestos ou atitudes do outro. Deste modo, facilmente se perceberá a sua centralidade nos processos de comunicação.

Não deve ser confundido com o processo de imitação, que é predominantemente um mecanismo consciente de reprodução de actos de outrém. A imitação constitui-se como um mecanismo normal do processo de desenvolvimento e pode até ser uma parte importante das primeiras identificações infantis, mas não pode ser confundido com elas.

Badaracco (1986) considera a Identificação como “o primeiro vínculo estruturante do indivíduo em relação aos seus semelhantes” principalmente porque introduz a noção de “intersubjectividade” possibilitando ao sujeito descobrir-se, num caminho em que identifica primeiro o outro para de seguida se identificar a si mesmo, como se para tomar consciência de si tivesse que primeiro se alienar no outro. De qualquer das formas é uma relação de “interpenetração recíproca” entre

um sujeito e um objecto e cuja qualidade está na base da estrutura do self do sujeito que se forma.

As sucessivas identificações, que começam com a relação precoce da criança com a mãe, e se vão estendendo a outros objectos durante a vida do sujeito são a matéria-prima para o desenvolvimento do Eu.

A identificação encontra-se relacionada com o processo de aprendizagem. Através da experiência, ambos os processos contribuem para a modificação na estrutura e funcionamento do organismo psíquico. No entanto, ambos divergem na natureza e no grau de internalização de cada um. As modificações produzidas pela aprendizagem correspondem a internalizações para as zonas mais periféricas do mundo interno enquanto que as da identificação são-no para a parte central do mundo interno.

A identificação encontra-se, assim, relacionada com vários mecanismos similares próximos do seu funcionamento, que importa distinguir.

Há autores que consideram que o termo identificação se deve referir somente ao processo em si, enquanto que o produto seria uma “introjecção”. No entanto, outros, entre eles Grinberg (2001) sustentam ser impossível separar processo e produto, devendo o termo identificação referir-se a ambos para evitar equívocos. O produto seriam, então, as mudanças de características individuais que o sujeito adquire através do processo identificatório, que sendo essencialmente egóico implica “mudanças na estrutura psíquica e envolve modificações na relação do sujeito com o objecto” (Grinberg, 2001).

A literatura psicanalítica sobre a identificação é vasta. Pela sua importância e longevidade dentro do pensamento psicanalítico, o conceito mereceu contribuições de numerosos autores. Não é nosso objectivo fazer uma revisão exaustiva dessa mesma literatura, até pela megalomania que tal tarefa forçosamente implicaria, mas sim rever alguns dos contributos que se nos afiguram significativos e pertinentes para o presente trabalho.

O conceito de identificação conheceu uma importância crescente na obra de Freud. Este começa por se referir a ela nas suas cartas a Fliess a propósito dos sintomas histéricos e agorafóbicos.

Mais tarde, quando estuda os mecanismos do sonho (Freud, 1900), refere-se ao conceito de identificação histérica, valorizando a identificação como um factor altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos, em que o sintoma é formado com base na identificação com alguns aspectos da outra pessoa, realçando a sua diferenciação em relação à imitação: "... a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente" (Freud, 1900). Referiu-se, ainda, à identificação nos sonhos, um fenómeno em que duas pessoas, ligadas por algum elemento em comum, aparecem como uma única figura no conteúdo manifesto.

Para Laplanche e Pontalis, o conceito de identificação na obra de Freud, vai sofrendo evoluções em consequência directa "da colocação em primeiro plano do complexo de Édipo nos seus efeitos estruturais, e também da remodelação introduzida pela segunda teoria do aparelho psíquico, em que as instâncias que se diferenciam a partir do Id são

especificadas pelas identificações de que derivam” (Laplanche e Pontalis, 1990).

Em “Luto e Melancolia” (1915), Freud realça o papel da identificação na melancolia como um mecanismo segundo o qual, após a perda do objecto, a libido livre não é deslocada para outro objecto mas sim retirada para o Ego, servindo deste modo para estabelecer uma identificação do Ego com o objecto abandonado.

Freud considera a identificação como uma etapa preliminar da escolha objectal; seria a primeira forma pela qual o Ego escolhe um objecto e deseja incorporá-lo de acordo com as fantasias da fase oral ou canibalística do desenvolvimento, isto é, devorando-o. Assim, na melancolia a escolha objectal é substituída por uma identificação de tipo narcísico em que “ a catexia objectal é abandonada e substituída por uma regressão a uma forma mais primitiva de relação com o objecto” (Grinberg, 2001).

É no capítulo VII de “Psicologia de grupo e análise do Ego” (1921) que Freud faz a descrição mais completa dos fenómenos identificatórios. Define-a como “ a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”, desempenhando um papel fundamental na história primitiva do Complexo de Édipo. Identifica três formas de identificação:

1. A identificação como a forma original de laço emocional com o objecto
2. De maneira regressiva, a identificação constitui-se como um substituto de um vínculo objectal libidinal, através da introjecção do objecto no Ego

3. Pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objecto de instinto sexual.

O estudo dos processos de enamoramento e da psicologia de grupo, em relação com os processos de identificação, levam-no, nesta obra, a concluir por identificações diferentes nestes casos. No primeiro caso, a identificação enriquece uma instância da personalidade, enquanto que no segundo caso, o Eu fica empobrecido na medida em que é o objecto que se coloca “no lugar de” uma instância, neste caso, no Ideal do Eu, ficando o Eu numa posição de submissão.

Laplanche e Pontalis (1990) propõem, tal como outros, distinguir a identificação dependendo do sentido em que ela se faz. Assim teríamos, uma identificação heteropática e centrípeta, em que é o indivíduo que identifica a sua pessoa com outra; uma identificação idiopática e centrífuga, em que o indivíduo identifica o outro com a sua própria pessoa; e a identificação recíproca, mais complexa, em que há uma reciprocidade de identificações entre indivíduos e que se encontra fundamentalmente em fenómenos de grupo. Segundo estes autores, estes três tipos de identificação corresponderiam às três distinções feitas por Freud e acima descritas.

Moore e Fine (1990) sublinham o facto do termo identificação ter sido muitas vezes usado num sentido muito lato, referindo-se a todos os processos mentais através dos quais um indivíduo parece-se com outra pessoa num ou vários aspectos. Em contraponto com esta posição muito generalista e dada a equívocos, progressivamente a literatura psicanalítica começou a usar o termo referindo-se a um tipo de internalização

avançada, de um nível mais maduro, com maior diferenciação sujeito-objecto e também uma maior selectividade dos traços internalizados. Assim, através da identificação, atitudes, funções e valores do outro são integrados numa identidade coesa tornando-se parte funcional do self. A identificação difere, assim, dos outros modos de internalização principalmente no seu grau, que é um grau mais central para a identidade básica do ego.

Klein (1952) descreve o mundo interno fantasmático dos primeiros tempos de vida da criança. Para ela, desde o nascimento a criança estabelece relações com os objectos que a circundam muito embora os sinta, no início, como objectos parciais com cariz persecutório ou idealizado. Klein sustem que o Eu se vai formando a partir de uma dinâmica de projecções, introjecções e identificações que se estabelece desde o início da vida entre o sujeito e o objecto significativo. No caso da criança, esse objecto significativo seria o seio materno percebido no início como objecto parcial. O bebé projecta as suas pulsões amorosas e atribui-as ao seio “bom” (gratificador), do mesmo modo projecta também pulsões destrutivas e atribui-as ao seio “mau” (frustrante). Simultaneamente, por introjecção, constituem-se os primeiros objectos introjectados que são o seio bom e o seio mau.

Deste modo, a imagem do objecto, externo ou interiorizado, sofre no psiquismo do bebé uma distorção resultante das suas fantasias, que se encontram ligadas à projecção das suas pulsões sobre o objecto. O seio bom torna-se o protótipo de todos os objectos de amor, gratificantes, e o seio mau o protótipo dos objectos persecutórios, internos ou externos.

Klein considera o seio bom introjectado como parte essencial do Eu reforçando a sua capacidade de integração e a possibilidade da criança amar e confiar nos seus objectos, abrindo caminho à introjecção de outros objectos bons, tornando-se, deste modo, um reforço vital para lidar com situações de angústia. Assim, experiências gratificantes que permitem a identificação introjectiva do bom seio, contribuem para a estruturação e consolidação do Eu incipiente.

No entanto, a maior contribuição da teoria Kleiniana para a teoria da Identificação, foi o seu conceito de Identificação Projectiva ao qual dedicaremos um capítulo mais à frente.

Para Fairbairn (1962), o desenvolvimento das relações objectais faz-se através de “um processo por meio do qual a dependência infantil do objecto dá gradualmente lugar à dependência madura em relação ao objecto” e caracteriza-se por dois tempos principais. O primeiro em que há um abandono gradual de uma relação de objecto original baseada numa identificação primária, isto é, em que existe um investimento de um objecto que ainda não foi diferenciado do sujeito que investe. O segundo tempo em que existe uma adopção gradual de uma relação de objecto baseada na diferenciação do objecto.

Fairbairn contrapõe a identificação primária, com falta de diferenciação sujeito-objecto, a uma identificação secundária que se refere ao estabelecimento de uma relação baseada na diferenciação do objecto, pelo menos em parte. Em alguns pontos dos seus escritos Fairbairn parece opor os conceitos de relação objectal ao de identificação. Afirma que “o desenvolvimento normal caracteriza-se por um processo por meio do qual a diferenciação progressiva do objecto é acompanhada por uma

diminuição progressiva da identificação” e que o bebé luta intensamente entre manter a diferenciação na procura da relação de objecto ou cair regressivamente na identificação. Sendo que o estado em que a identificação e indiferenciação são maiores é o estado intra-uterino em que a dependência é extrema.

Sandler e Perlow (1989) propõem uma distinção entre identificação primária e secundária:

- a) A Identificação primária refere-se a um estado em que a barreira entre objecto e self ainda não se estabeleceu. Pode-se conceber como um estado de identidade primária ou confusão primária em que a criança não consegue ainda diferenciar a representação do seu próprio self nem a dos objectos. Em termos patológicos é o que se pode observar nos estados psicóticos graves.
- b) A Identificação secundária refere-se ao significado mais comum do termo identificação. É um processo durante o qual as barreiras entre self e objecto não se perdem, e em que o sujeito integra nas representações do self atributos do objecto, reais ou fantasiados. Os autores salientam que deste modo a identificação secundária pode actuar como um veículo para um narcisismo secundário, já que sentimentos de admiração, estima e amor pelo objecto podem ser transferidos para o próprio self. Em termos Kleinianos trata-se de uma “identificação introjectiva”.

Os mesmos autores reforçam a necessidade de distinguir entre a) identificação como uma mudança na representação do self, e b) introjecção como o estabelecimento de “companheiros fantasmáticos

internos”, inconscientes, sentidos como fazendo parte do mundo interno do sujeito mas mesmo assim externos à representação do self.

Amaral Dias (1988) destaca o papel central da teoria da identificação na medida em que ela define modos de encarar e compreender a vida mental. O conceito de identificação implicou, desde o início da sua sistematização e ao longo da sua elaboração no seio do pensamento psicanalítico, o reconhecimento da existência do dentro e do fora, de duas realidades cuja constante dialéctica é responsável pela vida psíquica do sujeito.

Compreendendo o processo identificatório como um interjogo entre o dentro e o fora com consequências distintas conforme a natureza e a qualidade dos processos selectivos e inclusivos que lhe estão subjacentes, Amaral Dias considera importante estabelecer diferenças entre os vários tipos de identificação, a saber:

- a) A Identificação Adesiva ou mimética, proposta por E. Bick para descrever o tipo de identificação de doentes regressivos cuja falta de um espaço interno bem constituído e de um objecto capaz de tolerar projecções, fazem projecções identificatórias que em vez de penetrar no objecto, permanecem antes à superfície do mesmo como se fossem uma pele, tornando-se deste modo uma parte do objecto. São personalidades que imitam a aparência externa e o comportamento do objecto.
- b) A Identificação Projectiva, que mais adiante neste trabalho desenvolveremos, é um mecanismo de identificação muito primitivo, primeiramente conceptualizado por M. Klein, consistindo numa fantasia onipotente em que partes não desejadas da personalidade e

dos objectos internos são dissociadas e projectadas no objecto de modo a danificá-lo e/ou controlá-lo.

- c) As Identificações Introjectivas, dizem respeito às internalizações que se dirigem e são assimiladas pelo núcleo do Self. Estão na base da constituição e estabilidade do Eu e da identidade do sujeito.

Coimbra de Matos (1996) realça a importância das relações objectais como veículo da construção identificativa, na formação e transformação do sujeito. Este autor distingue três tipos de identificação:

1. Identificação Imagoico-imagética, em que o indivíduo se identifica por incorporação-assimilação da imagem com que o outro o define. Considera-a a mãe de todas as identificações, derivada de mensagens inconscientes veiculadas por projecção identificativa, conduzindo à constituição do núcleo primário da identidade. Trata-se de uma identificação introjectiva precoce que tem origem na relação de objecto primária.
2. Identificação Idiomórfica, em que o indivíduo por ser um ser auto-reflexivo, reconhece-se e auto-concebe-se. Trata-se de uma identificação por aprendizagem directa cujo paradigma é a identificação sexual na fase genital precoce -18 aos 30 meses- em que a criança constrói a sua imagem sexuada por reconhecimento e integração dos caracteres sexuais externos.
3. Identificação Alotriomórfica ou Xenomórfica, que consiste na identificação ao modelo- o indivíduo identifica-se com o objecto escolhido introjectando atributos seus, reais ou imaginados.

Em face da ambiguidade por vezes existente no conceito de identificação, Coimbra de Matos distingue três significados isoláveis:

1. Identificação como processo de reconhecimento de um objecto (o próprio pode ser encarado como objecto do seu conhecimento através de um mecanismo de clivagem em eu vivencial e eu observador-funcionamento essencial na situação psicanalítica, precursor ainda da função reflexiva e da função psicanalítica da personalidade.
2. Identificação como construção da identidade do Self.
3. Identificação como procedimento de se tornar idêntico; processo transformacional no sentido da aproximação identitária dos elementos de um par ou de um grupo.

O Eu, através de identificações sucessivas vai-se autonomizando, progredindo em coesão, independência e força.

Noutro dos seus escritos, Coimbra de Matos (2002) distingue três processos distintos que o sujeito utiliza na relação objectal:

- a) Identificar-se com o objecto através de mecanismos de introjecção (Identificação Introjectiva da escola Kleiniana). O sujeito transforma-se a si próprio.
- b) Identifica o objecto, projectando nele partes de si próprio (Identificação Projectiva). Através deste processo, o objecto transforma-se fantasmaticamente mas também na sua realidade objectiva.
- c) Identificar um novo objecto com um objecto antigo e conhecido (substrato da transferência)

É na relação com o objecto que o sujeito se constrói, através de processos de identificação, tanto introjectiva (predominante nas neuroses) como projectiva (predominante nas psicoses).

Grinberg num seu trabalho inteiramente dedicado à teoria da identificação, considera esta como um “conjunto de mecanismos e funções que determinam como resultado o processo estruturante activo que ocorre no interior do Eu, sobre a base da selecção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objectos externos e/ou internos, que formarão os componentes responsáveis pela ampliação da estrutura rudimentar do Eu nos primeiros instantes de vida” (Grinberg, 2001).

Este autor distingue os variados fenómenos que intervêm neste processo, em duas grandes categorias: a da internalização e a da externalização.

Conceptualiza as internalizações como processos identificatórios que intervêm na transposição das características e elementos dos objectos externos para o mundo interno, e que englobariam os processos de incorporação, assimilação, imitação, introjecção e identificação introjectiva.

Inversamente os processos identificatórios que subjazem à transposição dos objectos do mundo interno para o mundo externo, fazem parte das externalizações e são constituídas por excorporação, extrojecção, projecção, identificação projectiva e identificação adesiva.

Grinberg salienta duas modalidades essenciais de internalização. Uma baseada no amor e na cooperação, e outra de natureza sádica (oral-

canibalística) e destrutiva. Quando predomina o vínculo do amor, internaliza-se um objecto interno bom. Pelo contrário quando existe predominância do ódio e sadismo, o seio internalizado é vivido como persecutório convertendo-se no protótipo de todos os maus objectos internos.

Considera importante fazer uma distinção entre introjecções e identificações introjectivas. Defende, assim que as introjecções são internalizações incluídas na parte mais periférica e orbital do Self e em relação às quais o Eu mantém uma relação objectal. Estas internalizações orbitais ou introjecções, embora modifiquem a dinâmica da estrutura psíquica interna de modo significativo, mantêm ainda assim algum grau de autonomia. Podem permanecer na órbita ou em algum momento serem projectados de novo para o mundo externo, ou ainda serem assimilados pelo núcleo transformando-se em identificações introjectivas.

O termo identificações introjectivas, refere-se a internalizações dirigidas ao sector central, nuclear do Self, com o qual se confundem e actuam como constituintes do Eu. Também estes elementos, podem, de forma transitória ou permanente passar à zona orbital, e assim constituir identificações projectivas em objectos internos.

Temos, como acabamos de ver, várias conceptualizações que permitem um entendimento do fenómeno da Identificação. Seja qual for a que nos fizer mais sentido não podem restar dúvidas da importância crucial de atendermos à qualidade de todo o processo identificatório para um bom entendimento da estrutura de personalidade do sujeito.

IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA

O conceito de Identificação Projectiva foi pela primeira vez conceptualizado em 1946 por Melanie Klein, no seu artigo “Notes on some Schizoid Mechanisms”.

Neste trabalho, a autora debruça-se sobre as características e vicissitudes da posição esquizoparanóide e depressiva, com as suas angústias, mecanismos de defesa e relações objectais específicos.

Dentro da sua teoria das posições, no Eu da primeira infância, na posição esquizoparanóide, surgem angústias características da psicose e defesas típicas como a clivagem do objecto e das pulsões, a idealização, a negação da realidade interna e externa e a repressão das emoções, que têm uma profunda influência no posterior desenvolvimento do Eu, do Supereu e das relações objectais. Estas últimas existem desde o início da vida, começando com o primeiro objecto, o seio materno, que o bebé cliva em seio “bom” (gratificante) e seio “mau” (frustrante) com a consequente separação entre amor e ódio. A relação com este primeiro objecto implica a sua introjecção e projecção, pelo que, desde o início, as relações objectais são modeladas por uma interacção entre a introjecção e a projecção, entre objectos e situações internas e externas. É este o processo que, se mantido com equilíbrio, contribui para um bom desenvolvimento do Eu.

É neste contexto de definição da posição esquizoparanóide e das suas características, que Klein aborda pela primeira vez o conceito de Identificação Projectiva como uma “forma particular de Identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objecto agressiva” (Klein, 1946).

Klein concebe este mecanismo como uma fantasia na qual, com base em impulsos anais e uretrais sádicos, partes más do Self eram clivadas do próprio self e juntamente com excrementos, eram projectadas na mãe com o intuito não só de ferir o objecto mas também de o controlar e tomar posse dele.

Na medida em que a mãe passa a conter as partes “más” da própria criança, ela deixa de ser sentida como um objecto separado para ser sentida como uma parte “má” do Self.

Este uso onnipotente da capacidade de se libertar de uma parte do self, levaria a mente a processos de confusão de identidade, à dificuldade em distinguir entre sujeito e objecto. Uma clivagem excessiva do Self e a projecção das suas partes no mundo externo, enfraqueceriam-no consideravelmente, como acontece nos distúrbios psicóticos em que a identificação de um objecto com as partes “más” da própria pessoa, contribui para que este seja visto como um perseguidor.

Mas para Klein também as partes “boas” são expulsas e projectadas. Ainda neste seu primeiro trabalho sobre o tema, ela considerou que a identificação baseada neste tipo de projecção seria essencial para a capacidade da criança fortalecer o seu Ego e desenvolver boas relações objectais, desde que não fosse utilizado em excesso.

Klein examinou ainda, os vários objectivos dos diferentes tipos de Identificação Projectiva como o de clivar e projectar partes indesejadas do Self que causam ansiedade e dor; o de projectar o Self ou suas partes para dentro de um objecto com o objectivo de o dominar ou controlar, evitando assim sentimentos de separação; o de penetrar um objecto para

se apoderar das suas capacidades; o de invadir o objecto com o fim de o danificar ou destruir. Utilizando este mecanismo de forma excessiva, o sujeito tenta escapar a sentimentos de perda, raiva ou inveja, mas não escapa às imensas ansiedades persecutórias que tal processo levanta.

Posteriormente, no seu trabalho “On Identification” (1955), Klein volta a abordar a Identificação Projectiva, desta vez mais aprofundadamente. A ênfase não é tão grande nas características patológicas do mecanismo, sendo antes reforçado o seu papel no desenvolvimento psíquico normal e a sua importância no processo de estabelecimento de vínculos empáticos com os objectos. É-lhe, pela primeira vez, atribuída importância fundamental no processo de comunicação e empatia.

No seu texto “Some Theoretical Conclusions regarding the Emotional Life of the Infant” publicado em 1952, Klein sublinha as origens orais e anais sádicas das fantasias de ataque do bebé à mãe. Escreve ela que “nestas várias fantasias, o Ego toma posse por projecção de um objecto externo - em primeiro lugar a mãe - e transforma-o numa extensão de si mesmo. O objecto torna-se até certo ponto um representante do Ego, e estes processos constituem quanto a mim a base da Identificação por Projecção ou Identificação Projectiva” (Klein, 1952).

Os termos “Identificação por Projecção” e “Identificação Projectiva” são utilizados nos seus escritos aparentemente como sinónimos, o que parece indicar que a autora considerava a Identificação Projectiva como um sub-produto da Projecção.

Laplanche e Pontalis (1990) consideram-na como uma modalidade de Projecção.

De facto, o desenvolvimento do conceito de Identificação Projectiva levantou questões na comunidade psicanalítica, nomeadamente na sua diferenciação em relação ao conceito de Projecção.

Grinberg (2001), refere que para Wolheim a Identificação Projectiva se distingue do conceito freudiano de Projecção na medida em que esta última se refere a projecção de ideias, impulsos, afectos, atitudes, enquanto que na Identificação Projectiva se trata de partes concretas do Eu e dos objectos internos que contêm as emoções e ansiedades.

Kernberg (1989) sublinha a importância do conceito de Identificação Projectiva na prática clínica. Para este autor a Identificação Projectiva constitui um mecanismo de defesa primitivo que consiste em:

- a) Projectar aspectos intoleráveis da experiência intrapsíquica num objecto
- b) Manter a empatia com o que é projectado
- c) Tentativas de controle do objecto como continuação de esforços defensivos contra a experiência intrapsíquica intolerável
- d) Inconscientemente induzir no objecto aquilo que é projectado na interacção com o objecto

Para o mesmo autor, esta definição de Identificação Projectiva diferencia claramente do conceito de Projecção, que se apresenta como um mecanismo de defesa mais evoluído e que consiste em:

- a) Reprimir uma experiência intrapsíquica inaceitável
- b) Projecção dessa experiência no objecto

- c) Falta de empatia com o que é projectado
- d) Distanciamento em relação ao objecto como parte do esforço defensivo

Não existe portanto, no caso da Projecção, qualquer empatia com o que é projectado nem indução no objecto da experiência intrapsíquica.

Kernberg sublinha ainda o facto de embora a Projecção e a Identificação Projectiva poderem estar presentes no mesmo sujeito, a Projecção é típica de um mais alto nível de funcionamento – personalidade neurótica – enquanto a Identificação Projectiva é típica de organizações da personalidade psicóticas e borderline.

Kernberg propõe que a Identificação Projectiva é uma forma precoce de Projecção com uma estrutura egóica centrada numa dissociação primitiva, enquanto a Projecção é uma estrutura egóica baseada, principalmente, no recalçamento como operação defensiva.

Para Grinberg (2001), “os conteúdos da Projecção são propriedades ou qualidades, como raiva ou a curiosidade”, enquanto que “ os da Identificação Projectiva são substâncias, coisas ou partes de coisas, mais especificamente partes dissociadas do Self ”. No objectivo de cada um dos mecanismos reside uma outra diferença essencial; na Projecção uma propriedade do sujeito é transportada para o objecto, no entanto o sujeito não fica despojado dessa propriedade, permanecendo esta na sua mente. Na Identificação Projectiva, a mente é libertada de um pensamento ou substância que são evacuados e ficam no objecto externo. Trata-se de uma fantasia a que se segue uma outra fantasia de introjecção: “a pessoa

atacada ou controlada pode ser incorporada juntamente com a coisa projectada”.

Sandler (1989) destaca a importância central do conceito de Identificação Projectiva na teoria Kleiniana, embora lhe pareça uma noção de difícil discussão de um ponto de vista que não seja o Kleiniano. Considera o conceito demasiado “elástico” para permitir uma definição precisa, o que tem permitido, do seu ponto de vista, que o seu significado se altere consoante os contextos.

Na sua tentativa de abordar o conceito, Sandler realça três fases (não necessariamente separadas) no desenvolvimento do conceito.

Na primeira fase, Sandler realça que na definição de Klein, a Identificação Projectiva se refere a um processo que ocorre na fantasia. Que o objecto que sofre a projecção não é um objecto real mas antes que as partes do Self projectadas são-no no objecto fantasiado, o objecto interno.

Na segunda fase, Sandler refere-se às relações transferenciais e contratransferenciais entre paciente e analista e o papel da Identificação Projectiva nas mesmas, estudado por vários autores como uma extensão do primitivo conceito de Klein. Sandler considera que se nalgum momento se estabelece uma relação de identificação entre o Self ou o objecto representado nas fantasias inconscientes do sujeito, e o analista, então estamos perante a segunda fase de desenvolvimento do conceito.

Na terceira fase, Sandler realça o facto da Identificação Projectiva passar a ser descrita como se a externalização de partes do Self ou do objecto

interno ocorressem directamente para dentro do objecto externo. E destaca a obra de Bion e o seu conceito de “continente”. É destacado o facto de Bion não considerar que este processo se passe na fantasia, mas sim numa Identificação Projectiva Realista.

Meissner (1989) considera o conceito de Identificação Projectiva de vital importância para o corpo teórico Kleiniano, mas defende o retorno ao seu uso no sentido original proposto por Klein, como um mecanismo intrapsíquico que ocorre como parte de um processo psicótico. O processo envolve, assim, perda de diferenciação Self-Objecto, difusão dos limites do Ego e absorção por parte do objecto, do Self ou partes do Self projectadas nele. Deste modo, o Self perde a sua existência independente em relação ao objecto.

Meissner considera também ser importante definir se ao falarmos de Identificação Projectiva, nos referimos a um processo mental que faz parte da estrutura da mente ou a um fenómeno de fantasia.

O mesmo autor faz uma distinção clara entre a Identificação Projectiva que ocorre num contexto intrapsíquico e a Identificação Projectiva que ocorre num contexto interpessoal. Considera-as radicalmente diferentes, sendo que na Identificação Projectiva em contexto intrapsíquico ambas a projecção e a identificação ocorrem dentro de uma mesma mente e a projecção tem como objectivo a representação do objecto. Em contexto interpessoal, como em situações de grupo ou analíticas, a projecção ocorre em uma das mentes enquanto a identificação ocorre noutras mentes.

Hanna Segal (1973) define a Identificação Projectiva como um mecanismo de defesa extremamente importante na fase esquizoparanóide do desenvolvimento, e segundo o qual, partes do Self e objectos internos são expelidos e projectados no objecto externo, o qual se torna possuído e controlado pelas partes projectadas, identificando-se com elas.

Para a autora, trata-se de um mecanismo de defesa que juntamente com outros característicos da posição esquizoparanóide têm como objectivo último aliviar o Ego da ansiedade. Uma vez que o Ego nesta fase do desenvolvimento é amplamente desorganizado e lábil, quando os mecanismos de defesa falham no controle da ansiedade, esta invade o Ego e este desintegra-se. Na tentativa de evitar a experiência da ansiedade, o Ego fragmenta-se e divide-se, e através da Identificação Projectiva as partes fragmentadas do Ego são imediatamente projectadas. A autora considera Patológico, este tipo de Identificação Projectiva. Destaca ainda o papel deste mecanismo como parte do “início do processo de formação de símbolos”(Segal, 1957).

Ogden (1979) concebe a Identificação Projectiva como um conceito que se refere a um “grupo de fantasias e relações objectais que as acompanham que têm a ver com o livrar o Self de aspectos “não queridos”; o depositar dessas partes noutra pessoa; e finalmente, a “recuperação” de uma versão modificada daquilo que foi excluído”

Compreende-se assim, que Ogden divida o processo de Identificação Projectiva em três fases distintas:

1. a primeira que envolve a fantasia do sujeito se livrar de um aspecto do Self e fazer entrá-lo noutra pessoa, de modo a possibilitar um controlo do objecto através do seu interior.
2. a segunda que diz respeito à interacção relacional que suporta a fantasia de habitar e controlar outra pessoa.
3. a terceira que se refere ao “processamento psicológico” da projecção, por parte do receptor, e a re-internalização pelo projector, da projecção modificada.

A qualidade da projecção re-internalizada vai depender da capacidade do receptor para a processar adequadamente e a devolver ao sujeito de modo a que possa contribuir para um processo genuíno de crescimento psicológico.

Bion referiu-se a esta qualidade como a “capacidade de rêverie” da mãe, em que esta como objecto receptor das Identificações Projectivas da criança, consegue acolher, decodificar, atribuir significado às angústias do bebé e deste modo devolvê-las desintoxicadas. Esta noção veio trazer um afinamento ao conceito de Identificação Projectiva .

Ainda Bion, e segundo Zimmerman (1995); ao considerar de importância fundamental para a compreensão da psicose, faz uma distinção clara entre dois tipos de Identificação Projectiva:

1. Identificação Projectiva Excessiva cuja consequência seriam sérios prejuízos da capacidade de pensar os pensamentos, particularmente

quando os vínculos de ligação entre os conteúdos mentais são atacados por ódio.

2. Identificação Projectiva normal ou estruturante, já que esta possibilita que a criança reintrojecte a função contentora da mãe e a função α da mesma, sob a forma de um “seio pensante” bom.

A diferença entre a normalidade e a anormalidade deste mecanismo situar-se-ia no grau de violência da sua execução, sendo que os objectivos subjacentes ao mecanismo em si podem ser de dois tipos:

1. Através da fantasia, evacuar de modo violento e forçado, um estado mental doloroso no objecto. Alcançando, assim, alívio e o controle do objecto.
2. Introduzir no objecto um estado mental como forma de comunicar com ele a respeito desse estado.

Grinberg (2001) e Amaral Dias (1988) referem que Rosenfeld destaca seis modalidades de Identificação Projectiva:

1. *Como método de comunicação*; não exclusivo dos pacientes neuróticos, esta modalidade encontra-se consciente ou inconscientemente em muitos pacientes psicóticos. Na análise, o paciente espera desta forma, que o analista, através da sua capacidade de rêverie, contenha e alivie a sua ansiedade, dando-lhe significado e permitindo as boas introjecções que permitam o desenvolvimento do Eu. Tem por isso um cariz comunicativo.
2. *Negação da realidade*; partes do Self, impulsos e ansiedades correspondentes são projectadas no analista de modo a evacuar a

mente de “conteúdos mentais perturbadores” o que resulta numa negação da realidade psíquica.

3. *Controlo onnipotente do corpo e da mente do analista*; observa-se em análise quando emergem fantasias de ter penetrado onnipotentemente o analista com partes más do Self, sendo o analista percebido como se tivesse enlouquecido e fosse um objecto retaliador “forçando a loucura de novo para dentro do paciente”. Consequentemente emerge uma angústia de desintegração. O uso desta Identificação Projectiva excessiva vai conduzir ao pensamento concreto, à confusão entre fantasia e realidade e à perda da capacidade de pensamento simbólico.
4. *Defesa contra a inveja*; quando o paciente vive num estado fusional com o analista, sente como seu todo o valor do analista. Mas quando começa a sentir-se separado do analista reage agressivamente face a qualquer interpretação. “Sente-se humilhado e procura destruir as interpretações através da inveja, ridicularizando-as”. Grinberg sublinha que para Rosenfeld “a Identificação Projectiva faz parte de uma relação narcísica precoce com a mãe, em que toda a separação entre Self e objecto é negada”.
5. *Relação objectal parasitária*; o doente tem a fantasia de viver inteiramente dentro do objecto, como um parasita que vive das capacidades do analista.
6. *Como forma de alucinação ou delírio*; para Rosenfeld estes seriam mecanismos que permitiriam ao sujeito “viver” inteiramente dentro do objecto.

Grinberg (2001) ressalta a contribuição de Meltzer na distinção dos diversos motivos conducentes à utilização da Identificação Projectiva maciça: a intolerância à separação, o controlo onnipotente, inveja, ciúme, desconfiança e angústia persecutória excessiva.

REFLEXÕES

Chegados a este ponto do nosso trabalho, parece-nos evidente a concordância geral dos vários autores em considerar a Identificação como um mecanismo extremamente complexo e fundamental na formação da síntese identitária.

Idealmente, quando as condições do meio e as relações objectais significativas possibilitam a introjecção em predominância de objectos sentidos como bons, quando o objecto introjectado respeita os ritmos e limites do sujeito, então, podemos concluir pela existência de condições-chave para um desenvolvimento favorável do Eu.

Mas nem sempre é assim, e interessa-nos agora reflectir sobre o que acontece quando as condições não são estas. Referimo-nos aos casos em que vicissitudes em todo este processo estruturam uma personalidade psicótica.

Devemos confessar que estas personalidades sempre se nos afiguraram bem mais interessantes que quaisquer outras. Como Freud assinalou na sua descrição e análise do Caso Schreber, elas possuem “a peculiaridade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exactamente aquelas coisas que outros neuróticos mantêm escondidas como um segredo” (Freud, 1911). Ficamos, várias vezes espantados e fascinados com o conteúdo das suas comunicações, sejam elas verbais ou não, “inteligíveis” ou mais frequentemente em forma de delírio ou alucinação.

A escuta de relatos de tais experiências (delírio/alucinação) levanta-nos sempre algumas questões, a saber:

⇒ O que quererá esta pessoa dizer com isto? / O que significará isto?

⇒ Porque é que esta pessoa nos contou isto? / Porque é que nos escolheu a nós para o/a ouvir?

⇒ O que espera ele/a de nós?

Todas estas questões podem, a nosso ver, levar-nos a algumas reflexões interessantes.

Antes de prosseguirmos, gostaríamos de chamar a atenção para os verbos usados nas três questões. Eles indicam uma preocupação de entendimento da parte de um receptor, em referência a uma mensagem de um dado emissor. Daqui se depreende que todo o delírio/alucinação veicula um desejo de transmissão de uma mensagem que basta encontrar um receptor verdadeiramente “receptivo”, disponível e interessado para potencialmente se poder transformar em comunicação. Poder-se-á dizer também que se trata de um pensamento à espera de encontrar alguém que o consiga pensar, alguém que o torne digerível ou mentalizável. O processo de comunicação é realmente o que está aqui a ser jogado; a mensagem/comunicação pode não ser suficientemente clara ou não estarem a ser usados os mesmos códigos de comunicação pelas duas partes envolvidas no processo, de qualquer dos modos, isto configura, a nosso ver, uma dificuldade no processo de comunicação e nunca inexistência de comunicação.

Voltando então às questões levantadas, a primeira corresponde provavelmente a uma visão mais macroscópica do fenómeno, e por vezes a única a ser empreendida. Uma visão que fique por este nível, parece-nos pouco profícua. É, no entanto, um nível que merece a nossa atenção. Trata-se de atribuir significado à mensagem. Um técnico experiente e conhecedor da história significativa do doente, poderá empreender a

tarefa de ajustar os seus “códigos” linguísticos e mentais aos do seu interlocutor, disponibilizando o seu interior como uma incubadora, para dar sentido a experiências confusivas e atribuir significado à mensagem veiculada. Trata-se do que Bion chamou de capacidade de rêverie da mãe, e depende dela, da capacidade de rêverie do técnico para acolher, transformar, dar significado e retribuir a “mensagem” ao sujeito, a possibilidade de este re-integrar de modo modificado e isento de angústia, o que projectou, e com isto fortalecer o seu Eu permitindo movimentos de desenvolvimento positivo.

O facto do sujeito sentir o técnico como alguém com capacidade para o compreender/ “descodificar” e desintoxicar é igualmente importante para o fortalecimento da relação terapêutica e para uma gradual introjecção do técnico como bom objecto, precursor da abertura do mundo psíquico do doente a outras relações objectais mais satisfatórias.

Para respondermos à segunda e terceira questões, gostaríamos de nos “passar” um pouco pelo “sub-estrato” destas personalidades psicóticas.

Eduardo Sá (2003) fornece-nos algumas pistas que gostaríamos de seguir neste nosso raciocínio.

É ponto assente que a boa relação com o primeiro objecto introjectado, fundamenta a posterior possibilidade de triangulação e formação de um Self coeso.

Um objecto suficientemente bom que respeite a alteridade e os ritmos do bebé, permite que “os recursos relacionais vitais que se acumularam na relação uterina e na relação precoce” se constituam numa “função

placentária” (Eduardo Sá, 2003) que contribui para o crescimento psicoafectivo do indivíduo, fomentando ainda o desenvolvimento do que Bion chamou de função psicanalítica da personalidade.

Pensemos agora na situação em que acontece exactamente o oposto. Imaginemos um objecto introjetado com características muito especiais. Este é um objecto incapaz de transmitir um amor básico, pelo contrário, suga todos os recursos psíquicos do sujeito. Como objecto narcísico impõe-se como imprescindível monopolizando a energia e atenção do sujeito, não permitindo a este estabelecer outras relações objectais.

O tipo de relação que impõe ao sujeito, é baseado na coacção, na ditadura e na chantagem. Transmite mensagens do tipo: “se não me deres toda a atenção, se não fores todo meu, se não fores assim... não gosto de ti”. Deste modo é um objecto que bloqueia o alargamento das relações objectais, negando ao sujeito o direito à sua autonomia e a se constituir como ser social. Fomenta e gratifica a dependência e a passividade.

Poder-se-ia pensar porque a criança não o rejeita, uma vez que se trata de um mau objecto que lhe provoca sofrimento. Mas a criança, não tem, na verdade, essa oportunidade. Rejeitá-lo é impossível porque ele se impõe e exerce poder sobre ela. Assim, o único modo que encontra para o tentar controlar, é introjectando-o. No entanto, tal operação não surte o efeito pretendido uma vez que o objecto passa a exercer o seu poder a partir do mundo interno. O sujeito é “possuído” por ele. Fairbairn (1962) refere que “a criança não só interioriza os seus maus objectos porque se lhe forçam e procura controlá-los, mas também, e sobretudo, porque *precisa* deles. Se os pais de uma criança são maus objectos, ela não os pode rejeitar (...) porque não pode passar sem eles”.

Este objecto invade o psiquismo do sujeito alimentando-se dos seus recursos, vandalizando-o, não permitindo a afirmação/construção da sua individualidade mas paradoxalmente constituindo-se como essencial à sua sobrevivência. É um objecto que revela características contraditórias sentidas como incompatíveis contribuindo assim para a instalação de um **Conflito de Ambitendência**. A luta entre largar/não largar o objecto é enorme, assim como a angústia de separação.

Pelas suas características, este é um **Objecto Depressígeno** (Coimbra de Matos, 2001), presente nos estados depressivos e na melancolia. Um objecto “que não desculpa mas culpa o outro, que não ama mas capta o amor do outro; é um objecto *culpabilizante e desamante*” (Coimbra de Matos, 2001). Provocando com as suas mensagens paradoxais uma espécie de clivagem estática entre duas partes do pensamento sem comunicação entre si.

O Objecto Depressígeno constitui-se como o objecto patológico e patogénico da depressão. Através de mecanismos de Identificação Projectiva liberta-se da sua própria maldade e agressividade projectando no sujeito. Desta forma, culpa o sujeito, idealizando-se a si mesmo.

Ao reflectirmos sobre a realidade relacional da melancolia, estado extremo do espectro depressivo, também chamada de depressão psicótica, encontramos este tipo de Objecto Depressígeno, que pela relação que promove com o sujeito, provoca nele reacções específicas.

É forçoso que a relação com um objecto destes provoque a “erupção” de sentimentos de grande agressividade/ódio no sujeito. No entanto, estes

sentimentos, pela sua violência, dificilmente podem ser suportados ou admitidos uma vez que implicam o reconhecimento das propriedades negativas do objecto e o desejo do seu afastamento e neste caso, o sujeito ver-se-ia confrontado com um vazio relacional contra o qual não tem defesas e que levaria à sua morte emocional. Mais ainda, o reconhecimento de tais sentimentos levanta uma culpa atroz com a qual o sujeito não pode lidar, e é precisamente contra essa culpa que põe em marcha certos mecanismos.

Para aplacar esta culpa, o sujeito necessita ir à sua causa fundamental, isto é, a percepção da malignidade do objecto. Deste modo, sacrifica-se em mecanismos que o despojam de energia psíquica mas que paradoxalmente, por permitirem a constância de tal objecto no seu universo, o salvam. Assim, o sujeito nestas condições projecta no objecto a sua bondade, introjectando, em contrapartida a maldade do objecto.

Isto significa despojar-se de coisas boas suas e incorporar introjectos malignos. Resulta daqui que o objecto fica obviamente menos agressivo/ameaçador, mas em contrapartida o sujeito fica cada vez mais fraco psiquicamente, ao mesmo tempo que estas introjecções de um objecto maligno pressupõem algum grau de identificação com o objecto mau e consequente introjecção de núcleos persecutórios. Estes, por incapacidade do sujeito em lidar com eles, são mais tarde ou mais cedo projectados no objecto contribuindo para aumentar a malignidade deste e consequente agressividade do sujeito. O ciclo torna-se vicioso, numa relação em que tanto a malignidade do objecto como a agressividade do sujeito aumentam, fomentando a **Culpa Persecutória** resultante do desejo fantasmático de ataque ao objecto.

A negação das partes más e a idealização do bom, conjugam-se para permitir ao sujeito criar a ilusória satisfação de que tudo vai bem. O contraste entre esta “mãe adorável e adorada” idealizada e a “mãe sádica e controladora” negada, permite-nos pensar no conceito de **Objecto Bifacial**¹ (Coimbra de Matos, 2001), no sentido em que alterna uma face boa com uma face má.

Esta situação constitui uma espécie de **Loucura a Dois** à qual é impossível escapar porque é a única que o sujeito conhece e que o objecto permite.

Deste modo, no meio desta ameaça de um **Nada Objectal**, a melancolia ainda é a única saída para a manutenção de alguma tonalidade narcísica, uma vez que sujeito e objecto precisam um do outro para sobreviver, e alimentam-se narcisicamente dessa relação que embora patogénica é a única que concebem.

Eduardo Sá, considera esta uma **Relação de Objecto Siamesa** na medida em que “ a presença do outro se transforma no primeiro obstáculo à expressão viva do psiquismo e o primeiro recurso da sua sobrevivência” (Eduardo Sá, 2003), considerando ainda que este tipo de relação objectal se encontra na base não só da melancolia como também das estruturas psicóticas.

De facto, o sentir melancólico encontra-se muitas vezes contido através de defesas maníacas à semelhança do que acontece com a psicose.

¹ Coimbra de Matos (2001) considera o Objecto Bifacial como “um dos elementos mais importantes na etiopatogenia da depressividade”. O Objecto Bifacial é, para este autor, o objecto típico da relação objectal depressiva enquanto que na relação objectal psicótica se encontra um objecto clivado.

Assim, pensamos que se possa compreender as manifestações psicóticas como significantes de um fundo de Depressão Melancólica, contrapartidas maníacas na luta contra a consciência do sentimento depressivo. Estas manifestações devem ser entendidas como o espelho e o eco de uma realidade interna esvaziada e como uma tentativa desesperada (porque nunca abandonada apesar de nunca, até à data, bem sucedida) de encontrar um **Objecto Empático**.

Assim se deve atribuir um cariz comunicante a manifestações como o delírio e a alucinação.

Voltemos então ao início do nosso raciocínio, e respondendo à segunda questão levantada – Porque é que esta pessoa nos contou isto?/Porque é que nos escolheu a nós para o/a ouvir?

A nosso ver se alguém nos conta uma experiência destas, indiscritivelmente dolorosa, está antes do mais a partilhá-la connosco (acto já de si comunicante), mas decerto com um objectivo. Talvez para nos experimentar, talvez com esperança de que sejamos diferentes dos outros objectos que tem conhecido, talvez para testar a nossa capacidade de ouvir/empatizar/amar.

Quanto à terceira questão. O que espera ele/a de nós? Espera com certeza que a sua esperança se concretize, isto é, que sejamos realmente diferentes dos outros objectos com quem contactou.

No fundo, o que uma mensagem dessas pode veicular é um S.O.S. desesperado no sentido de trazer alguém são para uma vida mental de

relações patogénicas repetidas constantemente, alguém que consiga sustentar a espiral de violência que tem caracterizado as suas relações objectais.

De qualquer dos modos, manifestações desse género (delírios/alucinações) têm, a nosso ver, de ser sempre consideradas como veículos de uma mensagem, isto é, comunicação.

O facto é que tais manifestações são veiculadas em doses maciças de Identificações Projectivas e alguns autores conferem-lhe um carácter anti-comunicante (Bion). Por exemplo, sabemos que o uso frequente da Identificação Projectiva dita excessiva é característico de personalidades psicóticas. Estas personalidades pelas suas dificuldades de elaboração e simbolização tendem a comunicar de forma mais concreta e crua. Muitas vezes em forma de delírio/alucinação mas não só.

Propomos compreendê-los de outro modo: se o terapeuta sente uma manifestação psicótica como um delírio/alucinação que lhe é relatado e veiculado através de Identificações Projectivas maciças, se o sente como um ataque ao seu pensamento, então propomos que isso se deve a um fenómeno de Contra-Identificação Projectiva, isto é, uma “reacção no analista (...) independente dos seus próprios conflitos e (que) corresponde, de forma predominante ou exclusiva, à intensidade e qualidade da identificação projectiva do analisando” (Grinberg, 2001)

Pensamos que qualquer comunicação de uma personalidade psicótica, com o conteúdo que tiver, tem sempre subjacente um objectivo que é o de encontrar alguém que lhe dê sentido. Basicamente há sempre um estado de “não entendo o que sinto...” por detrás.

Assim, podemos compreender as Contra-Identificações Projectivas como a identificação do analista com o medo de “não entender” expresso pelo sujeito. Deste modo, as projecções do sujeito assumem carácter persecutório na mente do analista e só assim podemos entender que estes sejam classificados/sentidos como um ataque ao pensamento.

Na verdade não o são. São só pensamentos à procura de um pensador que não os conseguiu mentalizar e digerir.

Deste modo, em vez de termos um entendimento da “coisa” centrado no terapeuta (que nos parecia algo egoísta) temos um entendimento centrado no sujeito, na sua mensagem e nas suas necessidades comunicacionais veiculadas muitas das vezes através do mecanismo da Identificação Projectiva.

PARTE III

ANÁLISE DO CASO

Pela história clínica apresentada podemos concluir que estamos perante uma estrutura da personalidade psicótica, confirmada pelos dados retirados da análise do protocolo do Rorschach.

Iremos, de seguida, enquadrar os aspectos que consideramos mais significativos numa conceptualização teórica que nos permita compreender melhor a origem deste funcionamento, ao mesmo tempo que os ilustraremos com pequenas vinhetas provenientes de sessões efectuadas durante um dos períodos em que B., por recusar a medicação, apresentou uma descompensação psicótica da qual emergiram conteúdos interessantes para a compreensão do caso.

Melanie Klein foi uma das autoras que contribuiu decisivamente para a compreensão dos estados psicóticos com a sua teoria das posições como períodos do desenvolvimento que são caracterizados por relações objectais, ansiedades e defesas específicas, e que persistem pela vida fora. Sendo a 1ª posição a posição esquizoparanóide, esta seria seguida da posição depressiva caso houvesse uma evolução favorável.

Interessa-nos aqui determo-nos sobre a posição esquizoparanóide. Esta caracteriza-se por:

- Uma angústia persecutória intensa, em que o Ego luta para manter a sua integridade perante relações com objectos que o ameaçam de aniquilação e fragmentação. Trata-se de uma angústia muito primária.
- Uma relação de objecto parcial, com objectos vistos como clivados, idealizados ou persecutórios.
- Este Ego arcaico usa mecanismos de defesa em relação à angústia persecutória, que são intensos e onnipotentes – a Clivagem, a Identificação Projectiva, Introjecção e a Negação.

A agressão tem um papel importante, na medida em que neste funcionamento primário ela se expressa em fantasias inconscientes sádicas, as quais o sujeito projecta no objecto, deformando-o.

Por outro lado, e numa perspectiva completamente diferente, talvez possamos pensar que um Eu incipiente, à procura de coesão e com pouca autonomia psíquica, deve ter grandes dificuldades em dispender elevadas quantidades de energia psíquica para mecanismos de clivagem tão intensos. Aliás, pensar nos primeiros objectos como clivados e persecutórios, impondo ao Eu tamanho esforço, é o mesmo que admitir que estes transmitem a mensagem : “ Defende-te ou morres!”. Não deveria antes ser: “Aqui estou eu para te ajudar a crescer”? Nesta lógica talvez possamos pensar que o objecto inicial se apresenta como Bifacial ², no sentido que apresenta características gratificantes e frustrantes, e é do interjogo entre as várias características do objecto e das relações destas com o sujeito que este é interiorizado mais tarde como um objecto total. No entanto, se tais características se mostrarem demasiado contraditórias, paradoxais e vincadas, isto é, se não houver um equilíbrio e coerência entre as diferentes partes do objecto, então aí sim é legítimo pensar em clivagem como um verdadeiro mecanismo de defesa nestas condições indispensável para proteger o sujeito das características potencialmente patogénicas do objecto.

² Conceito de Coimbra de Matos que o aplica sómente à relação objectal depressiva.

Talvez seja interessante introduzir aqui um excerto de uma sessão de um período de descompensação de B.:

Começa de novo a criar “imagens ou cenas”:

- “Tenho ideias de pegar em facas afiadas e matar os meus pais, degolar galinhas e beber-lhes o sangue. Às vezes estou no quarto à noite e vejo a minha mãe a ser possuída pelo meu pai... estou maquiavélico, nestas alturas fico mesmo psicótico, com os olhos muito abertos, esquisito. Às vezes acho que sou capaz de actuar e tenho medo de matar os meus pais”.

Refere que alterna sentimentos de extrema bondade com outros de extrema maldade:

- “Eu achava que com a minha bondade podia ajudar os outros, de maneira que eles me poderiam compreender a mim, mas como já vi que com a bondade não consegui isso, deixei a medicação. Sou de extremos e acho que a bondade e a maldade são opostos mas ao mesmo tempo um não pode existir sem o outro”.

Embora assustado com estas ideias, continua a recusar a medicação:

- “Porque isto não me traz sofrimento, eu estou até muito alegre, estou com este sorriso maquiavélico”
- “O meu pai é um bruto, não tem maneiras, eu não me importo que ele não tenha maneiras mas podia querer melhorar... a minha mãe é mais simpática mas é sacana, está sempre a falar dos problemas dela, não compreende os meus. Eu tentei ensiná-los com a minha bondade para eles melhorarem e me poderem compreender melhor mas já vi que não resultou... Eu só agrido quando me agridem. Quando a Dra. está passiva eu estou passivo, quando me agride, eu agrido-a... Os meus pais e eu somos um só... o mundo inteiro é um só”

Aparecem aqui evidentes o que Klein descreveu como pulsões esquizoparanóides agressivas, destrutivas e sádicas em relação aos objectos parentais. Estes constituem-se como maus objectos internos clivados, incapazes de conter as suas angústias, sentidos como agressivos. Ou sob outro ponto de vista, um objecto Bifacial, cuja parte frustrante despoleta agressividade no sujeito que a tenta anular com a “medicação” e com a sua própria bondade- introjecção da malignidade do objecto e projecção da bondade do sujeito. Estabelece-se uma oscilação entre a

projectão de bondade e agressividade em direcção às várias características do objecto com as fantasias contrárias de o idealizar ou destruir. De facto, o que parece acontecer é que B. sentiu as primeiras interacções com estes objectos primários, e principalmente com o objecto materno, como agressivas e deste modo parece não saber relacionar-se com eles de outra forma. Embora sem muitos dados factuais, já que B. pouco fala dos pais, podemos pensar que o objecto materno se apresentou sempre como um mau continente, uma mãe sem “capacidade de rêverie”. Este conceito de Bion, diz respeito à capacidade da mãe “de permanecer numa atitude de poder receber, acolher, descodificar, significar, nomear as angústias do filho e só depois então poder devolvê-las devidamente desintoxicadas” (Zimerman, 1995). Mas ao mesmo tempo esta mãe parece ter estabelecido com este filho uma relação de grande intrusividade e proximidade, abrindo caminho a uma relação simbiótica (relação de objecto siamesa, segundo Eduardo Sá) caracterizada por uma enorme dependência, confusão de limites entre sujeito e objecto com recurso a Identificações Projectivas, e ao mesmo tempo imbuída de um ódio destrutivo intenso.

O pai, aparece, por seu lado, descrito como crítico e desvalorizador, mas ele é acima de tudo ausente e incapaz de impedir a proximidade ameaçadora materna e portanto sem capacidade organizadora de uma verdadeira triangulação.

Obviamente, estas características relacionais, B. transpõe para todas as suas relações inclusive na relação terapêutica, como se mostra na seguinte vinheta:

Aparece hesitante e com um olhar muito assustado que faz percorrer por todos os cantos do gabinete:

- “Tenho passado uns dias muito agradáveis, estou a gostar dos meus colegas de Faculdade... descobri que os meus outros amigos não eram meus amigos... porque comecei a pensar nas coisas que me aconteceram, construí um puzzle e acho que eles não me compreendem”
- “Cheguei agora ao Centro e pensei: estou num Centro de Saúde por isso devo estar doente, preciso de tratamento. Tomei consciência disso agora... por isso é que estou assustado... e também porque vinha com medo de si... por causa do que me disse a semana passada. Disse-me que eu punha as pessoas num altar, que as idealizava e que depois ficava sem defesas em relação a elas. Quando me disse isso, acho que entrei em paranóia, nem ouvi mais nada. Percebi nessa altura que já sabia que eu a tinha posto num altar. Então assustei-me e percebi que tinha de a destruir. Passei a semana toda a suspirar e com dores no peito, e passei a semana a matá-la (ri-se). Matei-a com uma faca. Dei-lhe tantas facadas que deve ter morrido. Não sei se morreu, não a vi morta, mas vi-a a sofrer, e o sangue e a faca”.
- *E o que é que sentiu ao me matar?*
- “Não sei, vingança, raiva por me ter agredido. Eu senti que me tinha agredido e por isso tinha de a destruir”
- *E o que é que sentiu da minha parte como uma agressão?*
- “Não sei, é esta relação, estava a ficar muito próxima, eu conto-lhe coisas que não conto a mais ninguém. Fico muito vulnerável. Agora percebi que não posso pôr as pessoas num altar, não posso confiar em ninguém. Tirei-a do altar e pus lá o meu coração, só posso confiar em mim (ri-se). Estava a pensar: eu sou o B. coração de leão, coração numa mão e a faca na outra para o proteger. Descobri que estou rodeado de cabras e cabrões”

Na sessão seguinte refere que continua a fazer “devaneios” comigo; esta semana a continuação do da semana passada em que me tinha matado:

- “Fui vê-la morta, estava ao pé de um riacho, tinha qualquer coisa a ver com religiosidade, havia velas e eu senti necessidade de ficar ao pé de si... depois começou a subir aos céus e levava qualquer coisa na mão, era o meu coração, levou-o para o guardar”

Referindo-se à mãe, diz:

- “À noite, do meu quarto vejo a luz na cozinha e sinto que ela está lá, e só me apetece que ela se vá embora”

Podemos ver como as angústias persecutórias são projectadas nos amigos, na mãe e também no terapeuta. Estes constituem-se como objectos que pela sua proximidade, são sentidos como agressivos e ameaçadores da integridade do Ego. Através do mecanismo de Identificação Projectiva Patológica, B. alivia as suas angústias, agredindo e destruindo o objecto, retomando, assim, o controlo sobre ele.

É interessante, no entanto, notar que B. sente posteriormente a necessidade de restaurar este objecto (terapeuta), da mesma forma onipotente como o tinha destruído. A sua destrutividade deve tê-lo assustado tanto que ele volta a dar-lhe vida, de uma forma mágica e restituindo-lhe o carácter de objecto Idealizado. O terapeuta é, assim, também sentido e vivenciado como um objecto clivado e parcial (ou um objecto bifacial cujas partes por vezes têm de ser clivadas por serem sentidas como incompatíveis) ora idealizado, ora persecutório construído na fantasia do sujeito consoante as suas necessidades.

Bleichmar (1997), analisa o problema da agressividade do ponto de vista da sua significação para o sujeito, de quais são as suas motivações quando activa condutas agressivas e da função que estas cumprem. Para este autor, quando emergem angústias persecutórias, a adopção por parte do sujeito de condutas ou fantasias agressivas podem permitir que este se represente como mais poderoso, ou inclusivamente que inverta a representação de quem é o ameaçado e o 'ameaçador. Bion designou de "terror sem nome" condições muito primitivas de temor em que o perigo não é individualizado. Depois deste momento em que o perigo ameaça de um lugar e de uma forma imprecisos, num segundo tempo pode imaginar-se esse perigo como proveniente de uma figura externa sua causadora. Deste modo a atribuição a um outro da causa do perigo, através de

angústias persecutórias, permite alcançar um sentimento de maior controlo: pode-se atacar, contra-atacar ou seduzir o perseguidor. Assim, as angústias persecutórias constituem-se como uma defesa contra angústias cuja origem inicial escapa ao sujeito.

Neste caso a origem desta angústia parece-nos ser um objecto materno sentido como agressivo e extremamente intrusivo, fazendo B. temer qualquer tipo de proximidade e desorganizar-se com ela. Estes pais, primeiro e mais importante representante da realidade externa, apresentaram-se sempre cheios de hostilidade e causadores de sofrimento, pelo que B. tende a captar a realidade como hostil, e apresenta grandes reservas ao estabelecimento de qualquer tipo de relação, tanto de amizade, afectiva, tal como terapêutica- esta ainda mais porque tem a natureza de o confrontar com o seu sofrimento. Mesmo assim, e apesar disso, a relação terapêutica tem sido gradualmente estabelecida e fortalecida, com uma lenta aceitação de B. das suas ansiedades e sofrimentos.

Numa das sessões, B. dá-nos um exemplo de como o terapeuta é objecto da projecção de sentimentos e emoções ambivalentes e como este contém em si partes persecutórias onnipotentemente agredidas e destruídas:

- “Eu já a agredi muito”
- *Como, por exemplo?*
- “Quando me dizia coisas que me incomodavam e eu dizia acho que...”
- Acho, o que significa?
- “Eu vejo assim: Acho... A- Alívio, ah...
X- mandar calar, às vezes ponho um I (?)
U- de medo, tipo uh...”
- “Mas também ficava confuso porque se há alívio como é que pode haver medo também?”

A natureza idealizada e poderosa de algumas outras partes do terapeuta aparece bem explícita no seu desenho sobre a relação terapêutica (ver anexo), em que o terapeuta aparece como “uma mistura de rei e de rainha como num jogo de xadrez, o que controla”. O terapeuta- mulher é aquele que controla, que tem o poder (obviamente virtual comparado com o seu poder destrutivo onnipotente). Mas este espaço terapêutico permanece isolado do exterior, das “armadilhas” do exterior e de alguma forma tem um carácter organizador também - “lentes que permitem ver coisas lá fora, o amor”. Também no desenho que faz do terapeuta (ver anexo), este aparece idealizado, em forma de instrumento musical: “Tocar é a única coisa que me acalma”.

Tanto o terapeuta como os poucos amigos referidos, como as namoradas apresentam-se como tentativas de Introjecção de alguns bons objectos para estabelecer um esboço de uma verdadeira identidade, alguma coesão do Self. As namoradas, no entanto, por se apresentarem identificadas com a figura materna, objectos simbióticos, pela sua proximidade, são sentidas como objectos agressivos e rapidamente destruídos. Quanto ao seu amigo Tiago, este apresenta-se identificado com o seu pai, um mau objecto, ora idealizado, ora persecutório, alvo, ele também, de uma destruição onnipotente. Vejamos a este propósito, a seguinte sessão:

Começa a falar do seu amigo Tiago com mágoa, sentindo que este o “desiludiu” porque não soube ser seu amigo quando precisava dele:

- “Tenho pensado muito nele e tem-me aparecido a imagem dele num espelho, é terrível e para quebrá-la tenho que me imaginar à frente do espelho com uma pessoa ao meu lado... é uma rapariga, porque eu gosto de raparigas mas não sei quem é, basta criar o espaço para ela poder lá estar, basta o sentimento de eu gostar dela, de carinho, para quebrar o espelho”
- “eu vejo o Tiago como o pai que gostaria de ter tido, com afinidades comigo”

Mas também lhe reconhece coisas negativas, é desvalorizador e crítico como o seu pai. Pensa que a cena que cria e se vê ao espelho e vê o Tiago e tem de o destruir, são as coisas más que o seu pai tem.

Parece-nos importante fazer referência ao papel da ama na vida de B.. Apesar da falta de dados factuais extensos, já que ela não é muito referida, quando o é, e como pudemos ver na descrição do caso, ela é sentida como a sua verdadeira “*figura materna*”. Pensamos que ela se constituiu como um objecto capaz de oferecer algumas vivências correctivas, nomeadamente na introdução de alguns afectos importantes e que permitem que subsista em B., alguma força na parte não psicótica da mente que lhe permite fazer frente às angústias primárias intensas e aos riscos de descompensação. Pensamos ainda que estas experiências com este bom objecto lhe permitiram ter acesso a relações de objecto que embora parciais, podemos considerar de uma área pré-genital, com a emergência de temáticas ao nível da sexualidade. Obviamente tudo isto aparece num registo psicótico de grande confusão entre pulsões libidinais e agressivas, e veremos como B. assume proximidade como sinónimo de sexualidade e portanto sinónimo também de agressão. Vejamos excertos de umas sessões:

- “A minha mãe tem atitudes estranhas, cortar a carne, atitudes de quarto sem ser no quarto, que despertam em mim o tabu do amor entre mãe e filho, os instintos sexuais e agressivos. Fico numa grande confusão que tento maximizar ouvindo música clássica e pensando em guerras, debates, batalhas, para aumentar a agressividade”
- “A presença dela incomoda-me, os sons que faz, as vogais, os verbos como abre, fecha, entra, provocam-me mal-estar, parece que tem a ver com o tabu”
- “Acho que a minha mãe quer ir para a cama comigo”
- “A cozinha é muito pequena e sinto-me mal quando passam ao pé de mim”

- “A minha mãe voltou a pôr uns collants à volta da gaiola do meu pássaro. Eu fiz um buraco nos collants e enfiei lá uma banana para o pássaro comer... depois encontrei uma revista sobre dietas: como perder peso a fazer amor. Então peguei na revista e atirei-a para cima da cama dela. Como quem diz, faz com o meu pai, não faças comigo!”

Apesar de toda esta desorganização, B. consegue manter uma parte saudável capaz de, por vezes, lhe permitir alguma capacidade de Insight:

- “Cheguei à conclusão que o meu grande problema é a relação com os meus pais... porque senão, não sentiria necessidade de criar figuras de pai e mãe idealizadas... como ver o Tiago no espelho e senti-lo crítico como o meu pai ou criar figuras femininas idealizadas como a Nossa Senhora... se a relação com os meus pais tivesse sido boa e não tivesse sentido alguma frustração estaria tudo bem”

Devemos, ainda, realçar aquilo que consideramos ser uma problemática da ordem da falha narcísica:

- “A minha mãe teve uma crise de nervos, ela fica muito aflita com os meus esquecimentos... Quando ía para a escola também me esquecia muitas vezes da mala em casa... outro dia a minha mãe mandou-me comprar batatas e a senhora da loja foi muito simpática comigo e comparou-me a um filho que tem... eu trouxe o recibo e esqueci-me das batatas.”

Vemos, assim, como B. fica perdido quando é narcisicamente investido, experiência que se lhe apresenta como desconhecida.

Estamos, assim, perante um funcionamento psicótico associado a uma perturbação narcísica. O sujeito mostra algumas capacidades de circunscrever a desorganização psicótica emergente e de fazer uso da sua parte não psicótica da mente, e que consideramos ficar a dever-se a experiências correctivas e introdutórias de alguns afectos organizadores que viveu com a ama.

As características da posição esquizoparanóide apresentam-se bem evidentes neste funcionamento, com fantasias destrutivas, sádicas com objectos parciais ou, sob um outro ponto de vista, poder-se-ia dizer que nos encontramos na presença de características bifaciais do mesmo objecto, clivadas e aparentemente incompatíveis entre si. Angústias persecutórias e destrutividade/agressividade onipotente perante os objectos. Os mecanismos de defesa mais utilizados são a Clivagem, a Idealização resultado da Negação de aspectos persecutórios dos objectos e a Identificação Projectiva. Esta é maioritariamente utilizada no sentido Patológico, definido por Bion como o “evacuar de um modo violento um estado mental penoso, conduzindo a um ingresso forçado no objecto, na fantasia, para alcançar alívio imediato, e com o objectivo de um controlo intimidador do objecto”(Hinshelwood, 1992).

Parece-nos interessante, debruçarmo-nos um pouco sobre a conceptualização de Badaracco (1986), acerca do funcionamento psicótico. Para este autor, a identificação apresenta-se como o primeiro vínculo estruturante do indivíduo na relação com os seus pares, já que implica intersubjectividade.

Através da sua experiência clínica (Badaracco, 1990), o autor identifica alguns factores implicados na causalidade do funcionamento psicótico:

- Certos traços patológicos das figuras parentais
- Carências na capacidade parental para empatizar com as angústias primitivas, sexualidade primitiva e em acompanhar o crescimento egóico do sujeito
- Dificuldade, por parte dos pais, em favorecer a agressividade e a desimbiotização
- Certa patologia na dinâmica familiar

- O carácter patogénico de acontecimentos traumáticos na vida das pessoas

O fenómeno psicótico caracteriza-se por uma desorganização/desintegração do Eu, devido a um déficite nas identificações primárias e que dificulta e impede as identificações secundárias necessárias a um bom funcionamento mental. Os pacientes psicóticos, funcionam, assim, a partir de identificações patogénicas com figuras parentais que se impuseram como imprescindíveis, e que não permitiram o crescimento do Self e o desenvolvimento da autonomia.

O mesmo autor, frisa duas tendências fundamentais na condição psicótica:

- A necessidade real de fundir o aparelho psíquico com um outro exterior buscando uma simbiose, para poder usar os recursos egóicos do outro como seus
- Tendência a reactivar e actualizar experiências traumáticas dolorosas, intensas angústias persecutórias, vivências de vazio e morte

O sujeito vê-se compulsivamente levado a acalmar a sua angústia psicótica através do controlo onnipotente da relação objectal, espelhado nas actuações psicóticas (delírio, alucinações...) e numa simbiose patológica com o objecto, tudo traços que se encontram bem evidentes neste caso.

Badaracco (1986), introduz a ideia da existência de características patogénicas específicas dos objectos. O conceito de “Objecto Enlouquecedor”, diz respeito a “um objecto que induz inconscientemente o sujeito a actuar sadicamente e com maldade e o faz sentir-se mau e

culpado, porque a inadequação do objecto aumenta a inveja e o sadismo do sujeito”.

Assim, quando a procura infantil sã é frustrada por carências dos objectos parentais, estes podem transformar-se em “Objectos Enlouquecedores”, e a situação aterradora de depender e necessitar de um “Objecto Enlouquecedor” conduz a uma única saída: a uma identificação patogénica com ele, constituindo-se, assim, um par simbiótico-patológico em que não pode haver verdadeira individuação.

Grotstein (1999), por seu lado, considera as psicoses e outras perturbações mentais primitivas, como “significantes simióticos que tanto servem de defesas como são os precipitados resultantes de um estado emocionalmente catastrófico de “Nada” ou sem-sentido...” e o qual denomina de “buraco negro” ao qual associa o “sentido mais profundo e autêntico do instinto de morte”.

Seja qual for a conceptualização que quisermos usar para compreender o fenómeno psicótico, ela nunca pode passar ao lado daquilo que nos é mais evidente no contacto clínico com estes pacientes, a saber, um sofrimento indizível, impensável. Se dúvidas houvesse, elas teriam ficado dissipadas quando uma vez B. nos disse explicitamente: “... *pensar dói!*”. Será que fazemos ideia do quanto lhe dói?

BIBLIOGRAFIA

- Bleichmar, H. (1997), *Avances en Psicoterapia Psicoanalítica- Hacia una Técnica de Intervenciones Específicas*, Ed. Paidós
- Chabert, C. (1994), *Le Rorschach en Clinique Adulte- Interpretation Psychanalytique*, Dunod
- Coimbra de Matos, A. (1996), *Percursos da Identidade: Processos Transformadores*. Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria, 1996, nº11
- Coimbra de Matos, A. (2001), *A Depressão. Episódios de um Percurso em Busca do seu Sentido*, Climepsi
- Coimbra de Matos, A. (2002), *O Desespero*. Climepsi
- Dias, C. Amaral (1998), *Para uma Psicanálise da Relação*. Edições Afrontamento. Porto
- Fairbairn, R. (1962), *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. Biblioteca de Psicanálise, Editorial Vega
- Freud, S. (1900), *A Interpretação dos Sonhos*, Vol. IV, Cap. IV. Edição Electrónica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago Editora, Rio de Janeiro
- Freud, S. (1911), *Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia*, Vol. XII. Edição Electrónica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago Editora, Rio de Janeiro
- Freud, S. (1915), *Luto e Melancolia*, Vol. XIV. Edição Electrónica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago Editora, Rio de Janeiro
- Freud, S. (1921), *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, Vol. XVIII. Edição Electrónica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago Editora, Rio de Janeiro
- Garcia Badaracco, J. E. (1986), *La Identificación y sus Vicisitudes en la Psicosis. La Importancia de Concepto "Objeto Enloquecedor"*, Int. J. Psycho- Analysis, 67, 133.

- Garcia Badaracco, J. E. (1990), *Comunidade Terapêutica Psicoanalítica Multifamiliar*, Tecnipublicações, S.A.
- Grinberg, L. (2001), *Teoria da Identificação*, Climepsi
- Grotstein, J. S. (1999), *O Buraco Negro*, Climepsi
- Hinshelwood, R. D. (1992), *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Kernberg, O. (1989), *Projection and Projective Identification: Developmental and Clinical Aspects* in J. Sandler, *Projection, Identification, Projective Identification*, Karnac Books
- Klein, M. (1964), *Notes sur Quelques Mécanismes Schizoïdes* in M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere, *Développements de la Psychanalyse*, Presses Universitaires de France (1966)
- Klein, M. (1952), *Quelques Conclusions Théoriques au Sujet de la Vie Émotionnelle des Bébés* in M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Riviere, *Développements de la Psychanalyse*, Presses Universitaires de France (1966)
- Klein, M. (1955), *On Identification* in M. Klein, P. Heimann e R. E. Money-Kyrle, *New Directions in Psychoanalysis*. Londres, Tavistock
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (1990), *Vocabulário da Psicanálise*, Editorial Presença
- Meissner, W. W. (1989), *Projection and Projective Identification* in J. Sandler, *Projection, Identification, Projective Identification*, Karnac Books
- Moore, B., Fine, B. (1990), *Psychoanalytic Terms and Concepts*, The American Psychoanalytic Association
- Ogden, T. H. (1979), *On Projective Identification*. *Int. J. Psychoanalysis*, 60, 357
- Orr, M. (1958), *Le Test de Rorschach et l'Image Maternelle*, Bulletin du Grupement Français du Rorschach

- Sá, E. (2003), *Textos com Psicanálise*. No Prelo
- Sandler, J. (1989), *The Concept of Projective Identification* in J. Sandler, *Projection, Identification, Projective Identification*, Karnac Books
- Sandler, J., Perlow, M. (1989), *Internalization and Externalization* in J. Sandler, *Projection, Identification, Projective Identification*, Karnac Books
- Segal, H. (1957), *Notas sobre a Formação dos Símbolos* in Melanie Klein Hoje, *Desenvolvimentos da Teoria e da Prática- Vol. I*. Rio de Janeiro, Imago Editores (1991)
- Segal, H. (1964), *Introdução à Obra de Melanie Klein*, Rio de Janeiro, Imago Editores (1975)
- Zimerman, D. (1995), *Bion: Da teoria à Prática- Uma Leitura Didáctica*, Porto Alegre: Artes Médicas

ANEXO

PROTOCOLO DE RORSCHACH

<p>I. 11" (Pega) 1- Ah! Isto parece uma borboleta 2- Depois tem aqui... parece um escaravelho com asas. É um bocado sombrio. U U V</p>	<p>- GF "Foi de relance." - D cent. + Ds lat.s (asas) "Isto é muito característico dos escaravelhos, principalmente dos Egípcios que até comiam as pessoas, sugavam o sangue; se eu visse uma coisa dessas ao meu lado não gostava lá muito. As asas são pré-históricas, parece um elo de evolução da teoria de Darwin." "é a F mas a C faz-me sentir qualquer coisa em relação ao escaravelho. Não confiava lá muito nele." - "Isto seria tipo o negativo de uma radiografia em que a parte branca seria o preto. Isto seria um osso, outro e outro (3 estratos do D preto cent.) e aqui a medula (eixo cent.). Seria uma radiografia do corpo humano." - "Está-se mesmo a rir, com um ar: o que é que eu vou fazer? O diabinho é sombrio." C F. olhos - 2 DbI sup. boca - 2 DbI inf. lado a lado corninhos - D sup. cent.</p>	<p>- G F⁺ A (Ban) - G F' C' (A) → ClOb</p>
<p>3- Assim parecem umas costelas aqui, aqui, de uma pessoa. (manobra a prancha afastando-a e aproximando-a repetidas vezes) Λ</p>	<p>- D F' C' Radiog.</p>	<p>- D bl K' C' (H) → ClOb</p>
<p>4- Quando vejo assim certos espaços em branco gosto de identificar bocas e olhos... Está aqui um diabinho muito diabólico. Aqui dois olhos, tem aqui corninhos e aqui uma boca que não tem obrigatoriamente de ser fechada. Até está louco o demónio. (ri) U U Λ Agora não consigo me abstrair do demónio... Não, a borboleta, parece uma borboleta dos tempos primitivos, parece uma transição entre borboleta e escaravelho. Quanto mais tempo estamos em contacto com uma figura mais coisas conseguimos ver. Estou muito eléctrico hoje, tenho de ser mais pausado. U U Λ Pois, não sei, já o diabinho até está interessante, o demóniozito.</p>	<p>- "É um insecto qualquer a transformar-se. Um elo de ligação, ainda não é um ser que esteja adaptado, está-se a adaptar"</p>	<p><i>Equivalente Choque</i> <i>Crítica Subjectiva</i></p>

<p>V (intrigado, fixando a prancha) Só mais um bocadinho... Parece que estou a ver qualquer coisa aqui... (abre muito os olhos e fecha-os franzindo a testa, olha de novo durante muito tempo; afasta e aproxima a prancha)</p> <p>'tava naquela que conseguia ver o demónio mas ao contrário, mas mais assustador, mas não visualizei muito bem. Se as outras imagens forem tão produtivas como esta... esta aqui tem bastante. Mas é um bocadinho sombria. Aquele preto e os tons de cinzento.</p> <p>6' 47"</p>	<p>- "Não consegui ver"</p>	<p>Observação Cor</p>
<p>II 37" (Pega na prancha; olha muito intrigado) Podemos ver só partes de coisas ou a imagem tem de ser inteira? (o que quiser) V (...) (pega na prancha e olha-a afastada)</p> <p>5- Parece uma armadura dos tempos medievais, se esta parte fosse mais preto, tipo de guerreiro... aquela parte da armadura mas só a parte da cara. (atitude pensativa, franze o sobrolho)</p> <p>6- Vejo aqui uma espécie de dois elefantes ou dois ursos a brincar, aqui com as trombas... sim ursos, agora parecem-me dois ursos, a parte de cima, só estas partes negras.</p>	<p>- "Isto seria a parte da face (Ds lat. pr.), o espaço para a boca (Dd bl sup. cent. entre D pr. e D enc.), os olhos estariam para aqui (Branco exterior inf. dos lados da borboleta). Isto é uma parte sem armadura para o espaço do nariz (Dbl cent.). É a forma disto (Ds pretos); a cor complicou-me um bocadinho porque este guerreiro é um bocadinho estranho... usar o encarnado, porque este encarnado não é tipo sangue. Seria uma armadura, um guerreiro um bocadinho sombrio e esta cor representaria alguma faceta dele."</p> <p>- "Primeiro pensei que fosse... um elefante, a tromba, a cabeça e aqui outro igual a ele (Ds pr.). Se forem dois ursos parecem que são de brincar, parecem ser simpáticos apesar de serem pretos (Ds pr.)." F</p>	<p>- D bl F C' Vest.</p> <p>- D Kan' C' A Ban</p>

<p>Yá, os ursos são patuscos, são engraçados (ri)</p> <p>7- Estas partes encarnadas... isto parece mesmo uma borboleta porque o desenho é simétrico e a borboleta também é um animal simétrico.</p> <p>Estes ursos faz lembrar um urso que eu tive quando era pequenino.</p> <p>Estas coisas encarnadas é que são mais difíceis de imaginar seja o que for.</p> <p>∨</p> <p>Yá, assim é a armadura</p> <p>∧ ∨</p> <p>Que grande relatório! (ri)</p> <p><</p> <p>Vou começar a olhar para ela assim, pode ser que veja alguma coisa... são 10 disse a Dra.?</p> <p>(tosse)</p> <p>Ah, estou pronto para a cova, com uma infecção bronquial é mau para a gente se concentrar.</p> <p>Acho que uma pessoa quando tem uma enfermidade deve ser muito mau.</p> <p>∪ ∩ ∨</p> <p>Acho que já estou um bocado cansado desta imagem</p> <p>∧</p> <p>Yá, tipo dois ursos, a borboleta aqui, tenho aqui a família do Zoo toda; isto aqui é que não consigo associar a nada (Ds enc. sup.)</p> <p>6' 03"</p>	<p>D enc. inf. C F</p> <p>-</p> <p>“A certo ponto pensei que fossem dedos mas não fazia nexco com o resto do desenho. Tinha aqui o Zoo e aparecer aqui dois dedos.” (Ds enc. sup.)</p>	<p>D C F⁺ A</p> <p>Observação simetria</p>
---	--	--

<p>III. 1' 53"</p> <p>Ah!</p> <p>(ri-se, afasta a prancha; passa muito tempo com ar pensativo e intrigado a olhar para a prancha, ri-se)</p> <p>8- Acho que este tem um toque feminino, parecem duas mulheres, aqui os sapatos, a perna, o braço e estaria a pegar num cesto e esta estaria simetricamente a fazer o mesmo. Sapatos de salto alto, só se vê uma perna mas é aquela base.</p> <p>Assim ao contrário...</p> <p>V (chega a prancha perto da cara, ri-se...U V, ri-se muito)</p> <p>9- Isto aqui parece tipo um etíope com a cabeça desenvolvida para trás, depois isto é tipo uma barbicha. Depois a imagem, tem aqui a cabeça e o tronco que faz um certo sentido com a cabeça porque é fininho.</p> <p>^</p> <p>Esta imagem é bastante feminina porque elas estão assim curvadas, estão numa posição bastante feminina.</p> <p>V</p> <p>Depois assim já é mais..., já não tem nada a ver com o feminino, já é diferente.</p> <p>Eu gosto, este desenho até me interessa. Deste lado, as figuras femininas, deste lado o pigmeu a olhar para o ramo de uma árvore.</p> <p>As cores é que são muito estranhas, parece que não tem relação. São muito contrastantes, o encarnado é uma cor quente, o preto é uma cor fria.</p> <p>Se eu tivesse este desenho guardava-o para poder ver mais coisas.</p> <p>5' 32"</p>	<p>-</p> <p>"O sapato, a perna, aqui o rabo e ela estaria inclinada assim. Isto seria o braço, aqui a cabeça, isto seria o peito esta saliência, e esta parte aqui (D enc. int.) fica bem dentro de um contexto feminino, é tipo uma borboleta. Isto é o cesto." (todo o preto) F C</p> <p><u>Adicional:</u> ^ (D enc. ext.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • "isto parece gotas de sangue. Parece um feto agarrado por um cordão umbilical." <p>-</p> <p>"Isto seria um ramo (D lat. inf.- perna). Acho que a imagem está engraçada; a imagem feminina e o etíope. Tem duas funções, a mesma coisa cumpre duas funções. Eu gosto disso." (D preto inf. cent. lado direito - cabeça e barbicha; Dd cent. int. preto - tronco) F C</p> <p>-</p> <p>"Parece ser uma figura masculina, não é uma mulher"</p> <p>-</p> <p>"É engraçado! Cumpriu duas funções, não é todos que cumprem duas funções."</p>	<p><i>Equivalente Choque</i></p> <p>G K' C' H Ban</p> <p><i>Observação Simetria</i></p> <p>- D F' C' H</p> <p><i>Crítica ao Objecto</i></p> <p><i>Comentário à Cor</i></p>
---	---	--

<p>IV. 27" (ri-se) Tudo muito dark, muito preto. U U ^ > V</p> <p>10- Este também se assemelha a um insecto primitivo porque isto parecem ossos, não é ossos, é quinina ou queratina, uma substância que faz os ossos dos insectos, depois isto parece mesmo as antenas do insecto, depois isto seria outra vez umas asas, tipo que estava a mudar de pele, estava a sair de um casulo. ^ Se eu tivesse um fundo branco dava para fazer a ligação, talvez desse para ver mais coisas (pega nas 3 pranchas anteriores e dispõem-nas em cima da mesa viradas com a parte de trás para cima. Pega na IV e põem-na em cima do fundo branco que criou)</p> <p>Não, nem por isso! Tinha de estar aqui em altas posições. Se houvesse aqui algum fundo branco (levanta-se e procura por algo branco pelo gabinete) (<i>Don-lhe folhas brancas</i>) (repete a operação anterior com as folhas por detrás da prancha IV) Não dá! A cor não é igual. ^ Este, não acho tão interessante como os outros, principalmente o anterior tinha mais a ver comigo. (ri-se) 11- Yá, tipo se isto fosse um banco, isto os pés, mas o que seria isto? Não sei... isto podia ser um banco e aqui dois pés e o homem podia estar sentado mas foi cortado. A parte de cima, parece a coluna vertebral.</p> <p>7' 13"</p>	<p>G FC "Isto seria a cabeça do animal (D inf. cent.), tem asas (Ds lat. inf.), depois isto seria o casulo (D sup. preto), está a sair do casulo num processo de metamorfose. Aqui nota-se muito bem a cabeça, aqui não percebo muito bem o que é isto (Dd sup. cent.)"</p> <p>G F "O homem está cortado, foi estropiado aqui, isto parece pedaços da carne cortado do corpo humano caído para o lado (Ds sup. lat.). Estes desenhos todos pretos põem-me a ver coisas pouco alegres. O homem está com as pernas abertas e cortado" Coluna vertebral - D sup. cent. Banco - D inf. cent. Pés - Ds lat. inf.</p>	<p>Choque</p> <p>- G Kan C' (A)</p> <p>Crítica ao Objecto</p> <p>- G K C' H/Obj.</p>
--	---	--

<p>mais coisas se a forma não fosse tão rectangular. Porque aqui temos um preto e um branco. Outras formas sem ser rectangular podia associar a outras coisas. Assim a formas reais não consigo associar a mais nada.</p> <p>4' 45"</p>		
<p>VII. 22" (Pega na prancha e afasta-a) 14- Esta parte parece-me a cabeça de um rapazinho, isto seria o nariz, estaria de perfil. Isto seria uma pena, de um boné, um barrete. 15- "Tava naquela se conseguia ver outro demónio mas não... é mais sorridente. Isto é uma boca, um sorriso, é um sorriso mais sarcástico. Não sei porquê, não faço a mínima ideia. V Parece que os contrastes cinzento com preto não me fazem grande sentido, este degradé. Este aqui não consigo ver mais nada.</p> <p>4' 40"</p>	<p>- 1º terço direito "Isto é o nariz, isto é o chapéu, é um rapazinho com 12-15 anos, isto é uma pena (D sup. 1º terço). Está de perfil." F</p> <p>- "Isto seria a boca muito aberta (Dbl interior inferior junto ao interior dos 3º e 2º terços), e isto a continuação da cara cá para cima (Dbl interior sup. junto ao interior do 1º terço + o branco sup. ext. até ao limite da prancha). Seria tipo um riso sarcástico." F</p>	<p>- D F+ H/Vest.</p> <p>- Dbl Kp (Hd) →Clob</p> <p>Comentário à Cor</p>
<p>VIII. 2" Ah, yá cores! V Este está giro... 16- Parece-me um lagarto, será lagarto? Mas afinal tenho que ver formas reais? (Pode imaginar o que quiser) Então gosto das cores, as outras são mais sombrias. 17- Isto parece uma aguarela (faz uma cara de quem está a pensar, franze a testa) 18- Este aqui parece-me ser mesmo encantador. Gosto do amarelo e a passagem para o encarnado, seria uma</p>	<p>- D rosa lat. FC "Parece mais uma ignana."</p> <p>- "Esta parte aqui (Ds lat. rosa + D rosa/lar. inf.), esta parte aqui não, está mais preciso (eixo médio no cinz.)." Sol - D lar. inf. central mais carregado. "Tem uma forma simbólica, parece um X." C</p>	<p>Comentário à Cor</p> <p>- D F+ C A Ban</p> <p>Comentário à Cor</p> <p>- D C F± Pint.</p> <p>- Dd C F± Nat./Simb.</p>

	<i>Comentário à Cor</i>	<i>Comentário à Cor</i>
<p>espécie de sol envolto em... tem luz, amarelo é a cor mais luminosa.</p> <p>19- Isto parece um bocado de roupa a rasgar-se, parece que não faz muita lógica com o mundo de cima</p> <p>Os animais parecem guardas que guardam o sol. Yá, parece muito surreal.</p> <p>U V</p> <p>20- Esta parte aqui faz-me lembrar um símbolo, de pureza ou uma cena assim...</p> <p>... depois seriam os guardas, aqui a roupa a rasgar-se seria tipo... um perigo para... esta parte aqui é perigosa, é um mundo à parte, tem uma identidade própria... é tipo o Mal e o Bem, não tem nada a ver mas o Mal e o Bem têm identidade própria.</p> <p>A roupa a rasgar-se não quer dizer coisa boa na minha cabeça.</p> <p>21- Isto parece o mundo subterrâneo, e estes guardas foram excluídos do mundo idealizado.</p> <p>5' 57"</p>	<p>Roupa a rasgar-se - D azul "Um bocado de tecido", "As iguanas protectoras do mundo idealizado, e isto aqui parece um mundo mais sombrio (D azul/cinz.). Isto parece uma coluna aqui (eixo D azul/cinz.)." FC</p> <p>Símbolo = Sol - D lar. inf. cent. mais carregado "Parece que cumpre várias funções, é sol, símbolo de algo que não é tão acessível e ilumina"</p> <p>"Porque eu associo esta cena ao Mal, e também está lá a roupa a rasgar-se e isso para mim tem a ver com erotismo, por isso não gostei muito do que vi, como se o erotismo fosse o Mal"</p> <p>Mundo subterrâneo - D azul/cinzeno</p> <p>Guardas - D lat.^s rosa</p> <p>Mundo idealizado - D rosa/lar. inferior</p>	<p>IX. 3"</p> <p>Ah!, estes mais coloridos são mais loucos!</p> <p>V</p> <p>(Aproxima a prancha, fecha os olhos durante algum tempo, põe a mão sobre os olhos fechados, abre-os e olha a prancha durante muito tempo, suspira)</p> <p>^</p> <p>Eu tenho um certo receio quando olho para certos desenhos, de me assustar e isso depois para-me, tenho medo ou que é...</p> <p>> ^ > V</p>
	<p>D Kob C Vest.</p> <p>Dd F± C Símb.</p> <p>G F± Cena</p>	<p><i>Choque Manifesto</i></p> <p>"Não sei se foi desde a experiência do gato, quando olho para certas imagens horripilantes tenho medo de me assustar, o meu pai também. Quando vejo filmes de terror tenho medo de me assustar, quer dizer... quero ser assustado mas tenho medo de perder os limites"</p>

<p>Isto parece estar sujo, o verde parece ser um verde sujo. (muito perturbado) ^</p> <p>22- Este aqui é esquisito, parece que não faz parte de mim, não consigo ver, só consigo ver aqui esta parte, parece-me quase um boneco diabólico, tipo um bobo, um boneco que estaria sempre a rir, tipo o chuckie mas tem umas orelhas que o fazem parecer mais enternecedor, parece que está envolto numa manta de bebé...</p> <p>mas este verde... não sei.</p> <p>v</p> <p>23- Isto faz-me lembrar um útero, ... sem dúvida.</p> <p>5' 15"</p>	<p>- "Esta parte aqui onde encontra o laranja parece suja, parece que não há um propósito"</p> <p>- "Está envolto numa manta, tipo bebézinho, mas é um daqueles diabólicos (D lar. sup.). Tem uma orelha tipo de coelho (Dd lar. extremo sup.) e boca e nariz (Dd lar. mais carregado sup. cent.)." FC</p> <p>- "Isto seria a parte central do útero (D rosa cent.), isto seria os ovários (Ds rosa lat.)." FC</p>	<p>- D Kob C Obj. →Clob</p> <p>- D F C Anat.</p>
<p>X. 3"</p> <p>Ah, este é todo salpicado, este tem muito a ver comigo. De todos é o que tem mais cores, e as cores parece que cada uma tem uma identidade própria mas depois o conjunto funciona bem.</p> <p>v</p> <p>24- Isto parecem dois olhos, e duas sobrancelhas. Isto aqui seria a parte da cara, não é um ser muito bonito, mas yá!</p> <p>^</p> <p>Talvez ao contrário... Não, a minha posição favorita é assim</p> <p>v</p> <p>Gosto de ver a cara mas não é o que gosto mais, as cores...</p> <p>25- Isto parece uma rã a mergulhar no pântano com uma cor esquisita, tipo cor de sangue ou vinho.</p>	<p>- "São olhos flamejantes (Ds amarelos inf. cent - ovos) quase hipnóticos, aqui as sobrancelhas (Ds verde inf. mais escuro) carregadas, por isso é que tem um ar mais assustador. Isto faz parte da cara (Ds rosa lat.) tipo o limite da cara, o nariz seria aqui (Dbl entre D azul cent. e D lar. cent. - <i>souffien e cereijas</i>) e a boca seria aqui (D cinz. sup.)." FC</p> <p>- "Isto é a rã (D verde lat.) e aqui está outra simétrica. Isto seria o pântano (D rosa)." FC</p>	<p>- D bl F C Hd →Clob</p> <p>- D Kan C A/Nat.</p>

<p>Quando vi pela primeira vez parecia mais alegre, como consegui ver a cara, não consigo tirar a cara da cabeça.</p> <p>U V ... yá, gosto do amarelo, é luminoso.</p> <p>> 26- Isto não sei porquê parece um bicho a atacar isto (faz gestos e barulhos como se fosse um ataque), um insecto voador a atacar esta coisa</p> <p>V Eu vejo mesmo é a cara. Ao princípio parecia-me muito mais feliz enquanto o meu espírito não tinha organizado as coisas, mas agora já vi a cara um bocadinho esquisita, não sei se o ser é bom ou mau mas definitivamente é todo esotérico!</p> <p>Já chega, até eu estou cansado, a Dra. está aí farta de escrever.</p> <p>5' 06"</p>	<p>- "É o azul (D azul lat.), estas irregularidades todas dão um aspecto violento, sinto que é perigoso, que vai atacar. Vai atacar isto não sei porquê, vai-se dirigir para aqui (D rosa). É um bicho todo esquisito, não é um bicho que nós conhecêssemos." F</p> <p>- "Os olhos hipnóticos, as sobrancelhas..."</p>	<p>Comentário à Cor</p> <p>- D Kan` (A) →Clob</p>
---	--	---

PROVA DE ESCOLHAS

† † :

- VIII → (V) Tem a ver com os símbolos, o Bem, o Mal, os guardas. Gosto deste contraste, deste dilema. Gosto deste porque tem... porque é idealizado e é aquele mundo que eu gosto de criar.
- II e VII → Estas duas fazem-me lembrar a minha infância, sentimentos infantis de crianças. Este (II) é do urso, lembro-me do urso, que gostava de agarrá-lo; este (VII) é um rapazinho aventureiro tipo Robin dos Bosques.
- IX → Este gosto. Faz-me lembrar a mulher. Não é o feminino, é a mulher. Mas detesto esta imagem, o tal bobo sarcástico, bébézinho disfarçado, coisa e tal.
- III → Tem a ver com o feminino mas um feminino... jovem.
(V) E o etíope é engraçado, tem uma cara patusca, está na dele a olhar para o ramo das árvores.

--:

IX → Não gosto mesmo nada disto aqui (D lar.). Esta é bastante forte.

X → Esta aqui não é não gostar. É violenta, muito intensa.

(?) A junção, as côres todas, os olhos hipnóticos. Parece eu quando andava nos meus devaneios. Mas mesmo assim é mais estruturado, eu era mais desestruturado. ... O objecto que está a atacar isto de modo violento, selvagem.

I → Não gosto do demónio. Esta aqui é diabólica, é um mundo um bocado perigoso, é sombrio.

Este é diabólico (pega na prancha X), mas este (prancha I) por ser todo de uma côr é uma coisa... parece que compreendo este melhor (prancha X). Este parece que faz mal só mesmo por fazer (prancha I), este tem uma razão (prancha X).

PSICOGRAMA

R = 26
 Recusa = 0
 Tempo Total = 53' 08" (↑↑↑)
 Tempo/Resp. = 5' 30" (↑↑↑)
 Tempo Lat. Méd. = 40" (↑↑↑)

$F^+ = 2$ } $\Sigma F = 3$
 $F^\pm = 1$
 $F^- = 0$

F% = 12% (↓↓↓)
 F⁺% = 83% (≈)
 Fa% = 108% (↑↑↑)
 F⁺a% = 30% (↓↓↓)

Tipo Aprecensão: $\bar{G} \underline{D} Dd \bar{D}bl$
 T.R.I.: 3K : 10,5C
 ⇨ Extroversivo misto
 F. Comp.: 7K : 0E
 R. C.% = 42% (↑)

G = 8
 D = 12 } 15
 Dbl = 3
 Dd = 2
 Dbl% = 4% (↑)
 Do = 0
 G% = 31% (≈↑)
 D% = 58% (↓)
 Dd% = 8% (≈)
 Dbl% = 4% (↑)
 Do% = 0% (≈)

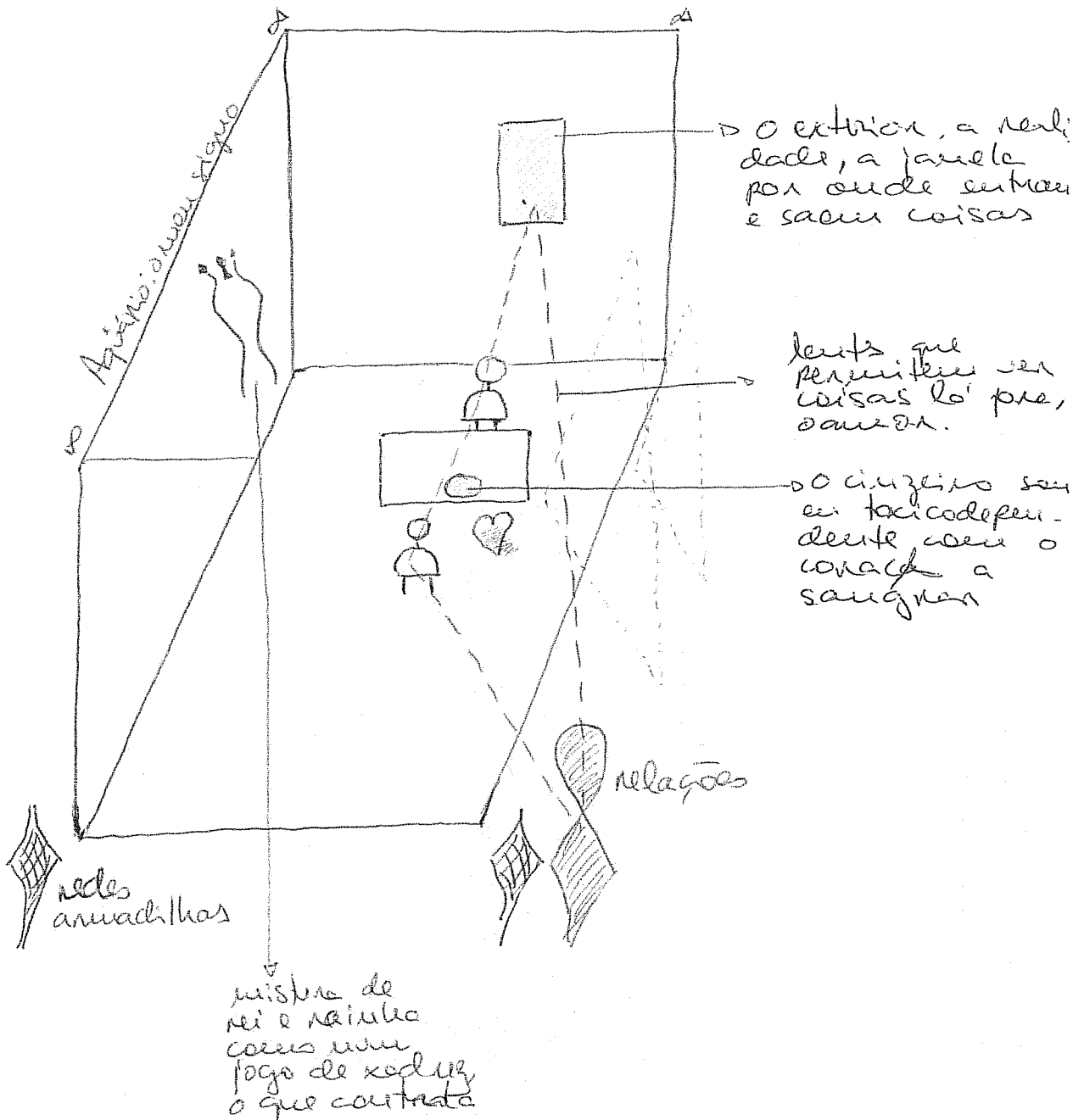
K = 3
 Kp = 1
 Kan = 4
 Kob = 2
 FC = 18
 CF = 3
 C = 0
 → Clob = 5

Elementos Qualitativos: Equivalente Choque (I,II); Choque (IV); Choque Manifesto (IX); Crítica Subjectiva (I); Observ./Comentário Cór (I,III,VII,VIII,IX,X); Obser. Simetria (II,III,V); Crítica ao Objecto (III,IV,VI,X)

A = 6 (1 A/Anat.)
 Ad = 0
 (A) = 4
 H = 4 (1 H/Obj.; 1 H/Vest.)
 Hd = 1
 (H) = 1
 (Hd) = 1
 A% = 23% (↓)
 A% = 38% [c/ (A)] (≈)
 H% = 19% (≈↑)
 H% = 27% [c/ (Hd),(H)] (↑)
 Ban = 4 [1 (Ban)]
 Radiog. = 1
 Vest. = 3 (1 H/Vest.)
 Obj. = 2 (1 H/Obj.)
 Pint. = 1
 Nat. = 2 (1 Nat./Símb.; 1 A/Nat.)
 Símb. = 2 (1 Nat./Símb.)
 Cena = 1
 Anat. = 1

DESENHOS

O Consultório da Doutora Sônia



Nesta página: desenho do consultório

Próxima página: desenho da terapeuta



ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
P A R T E I.....	7
DESCRIÇÃO DO CASO.....	8
COMENTÁRIO À DESCRIÇÃO DO CASO.....	19
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA. TESTE PROJECTIVO DE RORSCHACH.....	22
O Método Projectivo de Rorschach.....	23
Condições de Realização do Teste.....	24
Análise do Rorschach.....	25
P A R T E II.....	43
SOBRE A IDENTIFICAÇÃO.....	44
IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA.....	58
REFLEXÕES.....	70
P A R T E III.....	81
ANÁLISE DO CASO.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	96
ANEXO.....	100
PROTOCOLO DE RORSCHACH.....	101
PROVA DE ESCOLHAS.....	111
PSICOGRAMA.....	113
DESENHOS.....	114

